



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/  
LÍNGUA INGLESA**

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS ESCRITO EM  
JORNAIS DIGITAIS: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

**NADILZA DA SILVA CRUZ**

**Amargosa-Ba**

**2019**

NADILZA DA SILVA CRUZ

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS ESCRITO EM  
JORNAIS DIGITAIS: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao curso de Letras: Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para obtenção do grau de licenciada em Letras

Orientador: Prof. Dr. Adielson Ramos de Cristo

Co-orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos

**Amargosa-Ba**

**2019**

TERMO DE APROVAÇÃO

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS ESCRITO EM  
JORNAIS DIGITAIS: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA**

Monografia apresentada ao curso de Letras: Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa,  
da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para obtenção do grau de  
licenciado (a) em Letras

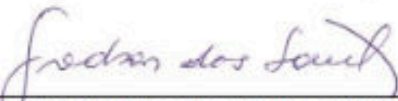
Orientador: Prof. Dr. Adielson Ramos de Cristo

Co-orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Adielson Ramos de Cristo (UFRB)

---

Prof. Dr. Gredson dos Santos (UFBA)

---

Prof. Dra. Geisa Borges da Costa (UFBA)

---

Prof. Dr. René Alain Santana de Almeida (UFS)

Amargosa, 22 de fevereiro de 2019

## **DEDICATÓRIA**

À Trindade Santa, Porque é o meu sustentado em todos os momentos.

À minha querida e excelente família.

Ao meu orientador, co-orientador e todos os amigos que sempre estiveram comigo e torceram por mim.

## AGRADECIMENTOS

Foram pouco mais de 4 anos até chegar a esse tão esperado dia. Dia em que, aqui, sentada e debruçada sobre o computador, sinto a leveza de finalizar o tão sonhado TCC. E junto a essa imensa alegria, eu declaroos meus agradecimentos àqueles que também são responsáveis por este sucesso.

O primeiro agradecimento é ao meu amigo de todas as horas. Ao meu Deus. A Ele seja dada a hora, glória e toda exaltação, porque D'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Sem Ele eu nada posso fazer;então, é porque até aqui me ajudou o Senhor Jesusque, com muita garra e brilho nos olhos, encerro esse ciclo da minha vida.

Um imenso agradecimento àqueles que são meus alicerces aqui na terra: meus pais, Ivane e Antonio. Eles são os responsáveis por eu ser quem sou; sãoa minha força, meus intercessores, meu bem maior. Além deles, todos os meus abençoados irmãos, que torcem por mim e estão sempre junto para me dar a mão em todos os momentos. EU AMO VOCÊS DEMAIS.

Ao professor Dr. Gredson dos Santos, muito obrigada! Muito obrigada por me dar a oportunidade de ser orientada por esse profissional excelente e de um potencial incrível que és; por ser tão paciente comigo, tão compreensível e principalmente por confiar em mim, mostrando evidência disto quando fostes morar em outra cidade, mas continuaste me orientando a distância. Pelas palavras de incentivo, pela bondade de compartilhar comigo seu conhecimento, obrigada de coração, sem você não seria tão possível.

Agradeço a todos os amigos que sempre torceram por mim, mederam a mão, me aconselharam e incentivaram que tudo daria certo, como deu. Gratidão! Espero contar com todos em outros momentos de nossas jornadas. Em especial agradeço:

à minha querida amiga Deise Pereira, por ser essa pessoa tão maravilhosa, parceira de trabalhos, que levarei para sempre em minha vida. Ela, que desde 2014 tem escutado meus lamentos, meus choros, me aconselhado, celebrado nossas conquistas e fazendo leve o que seria pesado. Obrigada, amiga!

Da mesma forma, Leandro Lima e Marilene Lima, amigos e colegas de turma pelos quais eu tenho um carinho tão grande. Obrigada, meninos, por me fazer tão bem; por esses anos de companheirismo e afeto. Não negocio por nada o amor que tenho por cada um de vocês. Forte abraço!

À minha amiga de infância, parceira de Ap, de quarto, vizinha e agora também irmã em Cristo, Rosiane Santos, pessoa maravilhosa que Deus colocou e minha vida. Obrigada por tudo, Rosih!

Ao professor Dr. Adielson Ramos de Cristo: obrigada pela confiança em aceitar assinar como meu orientador. Mesmo com tão pouco contato que tivemos, saiba que admiro muito o professor que você é. De coração, obrigada!

Agradecer à equipe de Cristo: os Remanescentes. Pessoas que amam a Deus e vivem debaixo de um propósito, que foram conforto e abrigo na UFRB. O meu desejo é que o grupo continue ativo acolhendo cristãos que tanto amam a Jesus Cristo nosso Senhor.

Agradeço também à Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), pela parceria, da qual fui bolsista durante pouco mais de 3 anos. Já aproveito pra agradecer à professora Fernanda Maria pela oportunidade de poder passar cerca de 3 anos fazendo parte do seu projeto de pesquisa, dizer que formam muitas aprendizagens, muitas descobertas e oportunidades. Além disso, gostaria de expressar a minha admiração pela mesma, pela referência de pessoa e profissional de excelência que és. Desejo muito sucesso sempre! Estendo os agradecimentos aos colegas que também fizeram parte do projeto. Grande beijo!

Enfim, à banca avaliadora que aceitou o convite para ler este trabalho e trazer suas contribuições que com certeza servirá para enriquecê-lo.

Muito obrigada!

*Antes de existir computador existia TV  
Antes de existir TV existia luz elétrica  
Antes de existir luz elétrica existia bicicleta  
Antes de existir bicicleta existia enciclopédia  
Antes de existir enciclopédia existia alfabeto  
Antes de existir alfabeto existia a voz  
Antes de existir a voz existia o silêncio  
O silêncio  
foi a primeira coisa que existiu[...]*

O Silêncio – Arnaldo Antunes

CRUZ, Nadilza da Silva. **Estratégias de relativização no português escrito em jornais digitais**: uma perspectiva sociolinguística. Monografia (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, CFP, Amargosa, 2019.

## RESUMO

O trabalho desenvolvido é um estudo sintático na área da sociolinguística, que foca principalmente na variação do português do Brasil (PB), mais precisamente nas estratégias de relativização presentes no português escrito em jornais digitais. O estudo busca descobrir a propoção em que se encontra o emprego dos pronomes relativos na língua escritasamente em contextos preposicionados, bem como, quais das três estratégias (padrão, cortadora e copiadora) tradicionalmente descritas em trabalhos de língua falada são mais frequentes na escrita em contexto jornalístico. O estudo se baseia em obras tais como as de Tarallo (2007[1985]), Bagno (2001, 2007), Alkimim (2012), Calvet (2002), além de estudos mais voltados para a história do português brasileiro e suas normas, referenciados em Silva; Cyranka (2009), Ilari (2012) e Faraco (2008). A pesquisa assumiu como hipótese que nos textos que compõem o *corpus* haveria preferência pela relativa padrão (aceita pela gramática tradicional) uma vez que se trata da língua escrita e a mesma em contexto formal, o jornal. Hipotetizou-se também que fatores linguísticos como função sintática do articulador e extralinguísticos como formalidade dos temas dos artigos poderiam estar ligados diretamente à preferência pela relativa padrão ou das não-padrão. A fim de testar tais hipóteses, foram analisados 40 artigos de opinião coletados de quatro jornais digitais. Os jornais foram: *A Tarde*, *Correio da Bahia*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*; portanto, dois da região nordeste e dois da região sudeste. Assim, foram selecionados 10 textos de cada jornal, 5 escritos por colunistas do sexo feminino e 5 por colunistas do sexo masculino. A monografia conta ainda com uma revisão bibliográfica de Santos (2015) e Silva (2018). A análise dos dados mostra que, apesar de haver ocorrências da relativa não padrão cortadora na escrita formal, o que prevalece é a relativa padrão. O resultado da pesquisa aponta que apenas no *Jornal do Brasil* não houve registro da relativa cortadora. A relativa não padrão copiadora não foi registrada em nenhum dos textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise sociolinguística; Jornais digitais; Estratégias de relativização.



CRUZ, Nadilza da Silva. **Strategies of relativization in Portuguese written in digital newspapers: a sociolinguistic perspective.** Monograph (undergraduate) – Teacher Training Center (CFP), Federal University of Recôncavo of Bahia (UFRB), Amargosa, 2019.

**ABSTRACT:** The developed work is a syntactic study in the sociolinguistic area. It focuses on Brazilian Portuguese variation mainly in the relativization strategies present in the writing of digital newspapers. This study aims to discover the proportion of the use of relative pronouns in prepositional contexts in the written language as well as which of the three strategies (standard, chopping and resumptive relatives) described in studies of spoken language is often in writing in journalistic context. This study is based in Tarallo (2007 [1985]), Bagno (2001, 2007), Alkimim (2012), Calvet (2002), and others that deal with the Brazilian Portuguese history and its rules referenced in Silva; Cyranka (2009), Ilari (2012) and Faraco (2008). The research assumed the hypothesis that in the texts that compose the corpus there would be a preference for the standard relative (it accepted by the traditional grammar) once that it deals itself of the writing language in one formal context, the newspaper. It also hypothesized that linguistic as syntactic function of the articulator and extralinguistic as the formality of the themes of the articles factors could be directly linked to the preference for the standard or non-standard relative. We analyzed 40 opinion articles from four digital newspapers to try the hypothesis. The newspapers were: A Tarde, Correio da Bahia, Folha de São Paulo, and Jornal do Brasil; therefore, two newspapers were from northeast and two were from the southeast region. Thus, we selected 10 texts from each newspaper. Five newspapers were written by female columnists and five by male columnists. This monograph has a literature review based on Santos (2015) and Silva (2018). The data analysis shows that what prevails is the standard relative. However, there are occurrences of the non-standard chopping relative in formal writing. The result shows that there was no occurrence of the chopping relative only in the Jornal do Brasil. The non-standard resumptive relative was not recorded in any of the texts.

**KEYWORDS:** Sociolinguistic analysis; digital newspaper; relativization strategies.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	14
2.1.1 Um breve histórico .....	15
2.1.2 Objeto de estudo .....	17
2.1.3 Metodologia da Pesquisa Sociolinguística .....	18
2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	22
2.2.1 Conceito de variação linguística.....	23
2.2.2 Tipos de variação linguística .....	26
2.2.3 Níveis de variação linguística .....	29
<b>3 O PORTUGUÊS BRASILEIRO: SEU CARÁTER SOCIAL E A CARACTERIZAÇÃO DE SUAS NORMAS.....</b>	<b>33</b>
3.1 LÍNGUA E SOCIEDADE.....	33
3.2 A NORMA CULTA, PADRÃO E POPULAR.....	38
<b>4 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO .....</b>	<b>45</b>
4.1 CARACTERIZANDO O PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO .....	45
4.2 A RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	50
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>59</b>
5.1 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA .....	59
<b>6. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>62</b>
6.1 RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS.....	69
6.2 ALGUMAS PERCEPÇÕES A RESPEITO DA ANÁLISE DO DADOS .....	76
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho a respeito da variação linguística encontra-se no ramo da ciência que se preocupa com os estudos da língua em contato com a sociedade, a Sociolinguística. O foco está em como se dá o uso dos pronomes relativos em casos que o sintagma exige preposição. Para tanto, o estudo será voltado para a escrita; assim, estuda textos formais.

Nesta monografia busca-se analisar o uso das estratégias de relativização (cortadora, copiadora, padrão) em artigos de opinião presentes em colunas de jornais digitais e compreender os fatores que podem estar condicionando ou não a ocorrência ou ausência dessas três estratégias nos quatro jornais escolhidos para estudo: *A Tarde*, *Correio da Bahia*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*.

Por entendermos a importância do fenômeno da variação linguística e a relevância de abranger-se os estudos nesta área, estudaremos as três estratégias de relativização; entretanto, somente em sintagmas que exigem preposição, ou seja, ocasiões que a regência do verbo ou nome da frase em que está presente o pronome relativo necessita de preposição.

As três estratégias apontadas em estudos sociolinguísticos, sobretudo na tese de Tarallo (1983), correspondem às três classificações seguintes: relativa padrão é aquela aceita pela gramática, com maior prestígio social e que faz parte do cotidiano dos falantes mais escolarizados, como no exemplo: *As canetas **de que necessitamos***. A relativa cortadora, designada por Tarallo (1983) como a mais inovadora, a que cada vez está ganhando mais espaço na sociedade e já sendo possível visualizá-la na escrita. Em sua construção, corta-se a preposição que deveria anteceder o pronome relativo, deixando o verbo que tradicionalmente seria regido por preposição sem ela. Ex: *As canetas **que necessitamos***. A relativa copiadora, a de menor prestígio social e que se utiliza de um pronome cópia, além de, assim como a cortadora, cortar a preposição que antecede o pronome relativo, é das três a menos prestigiada. Ex: *As canetas **que necessitamos delas***.

Durante a pesquisa, procurou-se perceber alguns pontos tais como: como se dá o uso das três estratégias de relativização na escrita culta de artigos de opinião presentes em jornais digitais brasileiros? Os colunistas utilizam mais a forma padrão, cortadora ou copiadora? Os usos das estratégias de relativização estão condicionados a fatores extralinguísticos, tais como região (nordeste x sudeste), diferentes jornais (A tarde,

Correio da Bahia, folha de São Paulo, Jornal do Brasil), sexo dos colunistas (homem, mulher) e formalidade dos temas de que tratam os textos?

E mais, fatores linguísticos como função dos articuladores, tipos de preposições e tipos de relativo também condicionam a escolha do uso das estratégias de relativização? Fazendo uma comparação dos resultados desta pesquisa com outras do mesmo fenômeno, a que conclusões podemos chegar?

Para comprovação ou não das indagações supracitadas, serão usadas amostras que foram coletadas em artigos de opinião de quatro jornais digitais das regiões nordeste e sudeste que compõe nosso *corpus*. Os textos foram selecionados com base em temas que abordam esporte, música, moda – menos formais e política, educação, economia – mais formais.

Com relação ao uso dos pronomes relativos em ambientes como o jornal digital, consideramos algumas hipóteses: possivelmente os usos das estratégias de relativização serão mais voltados para a relativa padrão, uma vez que estamos analisando a escrita em situação culta de um grau avançado de monitoramento. Afirma-se dessa forma, pois segundo os diversos estudos que vem surgindo no ramo da sociolinguística, a relativa padrão estar gradualmente desaparecendo da fala brasileira, cedendo seu espaço para a forma que segundo Tarallo é a mais inovadora – relativa cortadora.

Entretanto, na escrita, o padrão segundo a gramática normativa, ainda prevalece, mas não se descarta a hipótese de haver ocorrência das outras relativas.

Acredita-se que a relativa aceita pela gramática tradicional prevalecerá nos textos que abordam temáticas mais formais, como os de educação e política. Já em textos que abordam temáticas mais descontraídas como futebol e moda aparecerão menos e pode aparecer a estratégia cortadora; busca-se descobrir se os colunistas dos jornais da região sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) apresentam diferença de escrita comparado as colunistas dos jornais da região Nordeste (A Tarde e Correio da Bahia)

Será feito um estudo de duas dissertações a respeito do uso das estratégias de relativização tanto na fala quanto na escrita, para uma suposta comparação fala – escrita. Os dois estudos são: um de ocorrências na fala formal e o outro na escrita formal, visando uma aproximação com esta monografia, contudo, acredita-se que haverá diferenças quanto às diferentes modalidades. Prevaleceu a relativa padrão na dissertação que estuda a modalidade escrita e a relativa cortadora na dissertação que se ateu a modalidade falada da língua.

O embasamento teórico está pautado em estudos de vários linguistas, como Tarallo (2007[1985]), Bagno (2001, 2007), Alkimim (2012), Calvet (2002) dentre outros, além de estudos mais voltados para a história do português brasileiro e suas normas, referenciados em Silva; Cyranka (2009), Ilari (2012), Faraco (2008). Há ainda a revisão bibliográfica das dissertações de Santos (2015) e Silva (2018) que servirão como artigo de comparação e confirmação ou não de hipóteses.

Os dados para análise serão codificados segundo as ferramentas oferecidas pelo pacote de programas para análise estatística de regras variáveis, Goldvarb-X.

Visando seguir uma linha de raciocínio lógica para melhor compreensão, o trabalho começa, fazendo um resumo sobre como se dá um estudo sociolinguístico, bem como, um breve histórico, seu objeto de estudo. Em seguida, descreve as principais noções de variação linguística.

Na sequência, apresentamos considerações sobre a constituição do português brasileiro (PB) e a caracterização das suas normas.

Na seção quatro será feita uma revisão bibliográfica com base em trabalhos que descrevem o processo de relativização no PB. A seção se inicia descrevendo o processo de relativização, em seguida, o estudo de duas dissertações, uma com foco na fala culta e a outra na escrita culta, para que seja feita uma comparação visando perceber qual estratégia esta mais presente na fala e qual prevalece na escrita.

O último tópico trata da metodologia e análise dos dados. A metodologia utilizada nesta pesquisa, bem como, é apresentada amostras dos dados e análises e é apresentada uma exposição dos resultado atingido após a análise dos dados e rodada dos mesmos no programa GolVarb X. Finalizando, descrevo algumas das minhas percepções a respeito da análise dos dados.

## 2 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Essa seção se ocupará em detalhar como ocorre os estudos que trabalham com a perspectiva sociolinguística. Dessa forma, o tópico 2.1 trata do conceito de sociolinguística variacionista possibilitando a introdução de um breve histórico dessa área, o seu objeto de estudo e a metodologia que geralmente são utilizadas nas pesquisas. Após, discutiremos a respeito de um termo muito presente na sociolinguística, a variação linguística, se atentando para o conceito, os tipos que existem e em quais níveis ocorrem.

### 2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A área dentro da linguística denominada *sociolinguística* se ocupa com a investigação do comportamento dos fenômenos variáveis e mutáveis da língua, em seu contato com a sociedade. Para Tarallo (2007[1985], p.7), “podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”.

Neste estudo, a relação língua e sociedade, dentro da Sociolinguística, englobará a teoria e o método da **Sociolinguística Variacionista**, que também é conhecida, segundo Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 14) como **Sociolinguística Laboviana**, por ter o linguísta norte-americano William Labov como principal representante. O termo Sociolinguística Quantitativa é também empregado por ser um estudo que, geralmente, por contar com uma grande quantidade de dados necessita de uma análise estatística e/ou **Teoria da Variação e Mudança Linguística**, por se preocupar com a variação e a mudança na língua.

No primeiro subtópico, faremos um breve histórico da sociolinguística, pensando no significado do termo, no seu surgimento e na importância que esse ramo da linguística trouxe para nossas vidas. No subtópico seguinte refletiremos sobre o estudo da língua falada em situações reais de uso, que é considerado o objeto de estudo da sociolinguística.

Após isso, falaremos de como é feita a pesquisa sociolinguística, ou seja, a metodologia usada na maioria das pesquisas nesta área, que se trata, portanto, de uma pesquisa quantitativa que necessita de uma quantidade significativa de dados para

análise. Segundo Tarallo (2007[1985]), na pesquisa sociolinguística o pesquisador não pode se comportar como um sujeito observador, como se analisa em algumas áreas de estudo, mas ele deve estar participando da entrevista.

### 2.1.1 Um breve histórico

Quando nos dispomos a fazer um estudo no ramo da linguística, mais precisamente um estudo sintático sobre a variação linguística com base na análise da língua falada ou escrita de uma determinada comunidade, cidade, estado, região ou mesmo plataforma digital, como nesta pesquisa, passamos a fazer uma relação entre linguagem e sociedade, e chamaremos, portanto, a um estudo dentro do ramo da linguística, denominado Sociolinguística.

De acordo com Alkmim (2012, p. 30),

O termo Sociolinguística, relativo a uma área da Linguística, fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

A sociolinguística prossegue com grande importância nos anos atuais, visando à íntima ligação que linguagem e sociedade possuem entre si. Como assegura Alkmim (2012), a tradição de relacionar linguagem e sociedade, ou, mais precisamente língua, cultura e sociedade, está inscrita na reflexão de vários autores dos séculos anteriores.

Para refletirmos sobre essa ciência, voltamos em estudos de Silva; Cyranka(2009), onde as mesmas afirmam que, a década de 70 foi o ápice da crise na educação, mas especificamente o estudo da língua. O fracasso era resultado de uma língua ensinada de forma contrária a que sua clientela sabia. O ensino não dialogava com a aprendizagem, viva-se um falso ensino e uma falsa aprendizagem, em que os alunos eram robotizados e serviam apenas para emitir mensagem, pois o mais importante não era o aprendizado, mas que houvesse comunicação entre as pessoas.

Bagno (2007) afirma que até meados de 1960 havia um número muito pequeno de escolas em nosso país, e este número reduzido se concentrava nas zonas urbanas, em cidades de porte maior. Nas zonas rurais não existiam escolas, apenas as pessoas mais

favorecidas economicamente preenchiam os espaços escolares. Além disso, o ensino também era “transmitido” por professores de classes médias e médias altas das cidades.

Com o passar dos anos, houve um processo que Bagno(2007) chama de “democratização”, pois como estava ocorrendo a urbanização da população, houve um aumento, apenas quantitativo, do número de escolas nas cidades. Em 2000 as cidades já abrigavam 80% da população. Neste processo, as pessoas de classe baixa também passaram a ocupar as cadeiras das escolas que até então eram apenas dos mais favorecidos que possuíam uma variação linguística mais urbana, mais padrão.

Houve, então, a partir deste processo de democratização, a presença de outras variações de fala (dos moradores rurais que vieram para a cidade) em um mesmo ambiente. Este fato fez com que docentes, que antes só tinham contato com sua forma de falar e agora tendo que lidar com uma heterogeneidade linguística, desistisse das suas profissões e/ou não adentrassem mais na carreira docente. Desde então, a docência começou a ser ocupada pelas classes mais baixas e por alguma razão, perder gradativamente seu valor.

Um pouco mais tarde, surge a sociolinguística para defender que a língua não é um sistema abstrato e homogêneo como até então estava sendo tratada, mas que a língua é um sistema heterogêneo que tem relação com, além de fatores internos, fatores externos ao sistema linguístico, tais como idade, sexo, escolaridade, classe social, etc, abrindo reconhecimento para a gramática da língua falada.

Compreendemos que a sociolinguística é uma linha de estudo isenta de preconceitos, responsável por estudar, como o próprio nome já indica o fator social e a língua. No entanto, não se trata de um estudo isoladamente da linguagem verbal e do meio social, mas da relação existente entre a língua em que falamos e a sociedade em que vivemos. Sendo assim, no estudo sociolinguístico é necessário que reconheçamos a língua que fazemos uso como um fator social que está suscetível a variações e a mudanças.

É interessante pensarmos que o fato de a língua (que é um objeto de estudo científico) possuir variações, não indica que temos um sistema desordenado, mas que o nosso sistema linguístico continua sendo organizado e muito bem ordenado. A prova disso é que todos nós fazemos usos de variantes linguísticas distintas a depender da região, classe social, escolaridade etc, no entanto, isso não impede de nos comunicarmos perfeitamente.



De acordo com Mollica (2003, p.10), enquanto “a linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico, a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores”, pois de acordo com ela, se todos nós falássemos iguais não haveria necessidade de um olhar sociolinguístico na sociedade.

### 2.1.2 Objeto de estudo

Alkimim (2012) estabelece o que seria o objeto de estudo da Sociolinguística. Toma por base não o fato de que todos somos indivíduos falantes e nos expressamos da mesma maneira, mas o fato de que somos indivíduos que se relacionam através de redes comunicativas diversas. Ela afirma que

o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunicação linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKIMIM, 2012, p. 33).

Pode-se compreender que interessa a um sociolinguista estudar a língua em uso, em sua condição natural. Por isso, uma pesquisa sociolinguística, sempre que possível, tende a ser gravada de forma simples e depois transcrita. Não descartando a possibilidade de estudos que analisam a língua em sua modalidade escrita, como é o caso desta pesquisa.

No entanto, o principal objeto de estudo para a análise sociolinguística é a língua falada em situações comuns do dia a dia, sem preocupações com correções, situações em que o falante se expressa desprovido de apreensões se está “correto” ou não a sua pronúncia. Segundo Tarallo (2007, p.19), “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação”.

Assim, a probabilidade de encontrar o vernáculo é muito maior, pois é um momento que não há uma programação prévia da fala, a menos que seja um discurso extremamente monitorado e ensaiado, diferentemente da escrita, que é realizada com a

possibilidade de rascunho e normalmente com um tempo maior para se pensar nas palavras ao serem redigidas.

Para realizar um estudo sociolinguístico é necessário se recolher uma quantidade significativa de dados que possuam os níveis de variação que você esteja pesquisando.

Alguns fatores necessitarão de uma quantidade menor de dados, pois há níveis e aspectos variáveis que são mais comuns em nossa língua – como o fonológico. Por esta razão, não é necessário muito material para adquirir as ocorrências, enquanto há outros aspectos mais difíceis de serem encontrados como as variações em níveis sintáticos e quando os dados são coletados em textos escritos, conforme essa pesquisa por exemplo.

O objeto de estudo da sociolinguística é o estudo da língua de que fazemos uso, porém não se trata de um estudo solto e descontextualizado, mas um estudo em que o contexto exerce um papel importantíssimo na análise do material e influencia bastante nos resultados a serem encontrados.

Bagno (2007) reforça esta idéia, afirmando ser o objetivo central da sociolinguística, relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Segundo ele “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra” (p. 38), sendo inviável pensar em uma sem pensar na outra.

Falar em heterogeneidade é pensar em variação, uma vez que, “o conceito de variação é a espinha dorsal da sociolinguística” (Bagno, 2007, p.39). A língua está em constante processo de variação e possíveis mudanças, ambas interferindo na norma padrão que até então era – e às vezes ainda é – tida como a única.

Dessa forma, já é possível compreender que esse é o problema enfrentado pelas gramáticas das quais os linguístas são responsáveis: a língua não é só o que a gramática normativa prescreve, não falamos apenas como está nos manuais, ou melhor, quase nunca falamos como lá está. Não é que estejamos “destruindo” o português, é que não podemos fechar os olhos para as nossas ricas variações e fingir que as mesmas não existem.

### **2.1.3 Metodologia da Pesquisa Sociolinguística**

Ao realizarmos uma pesquisa sociolinguística entendemos a importância de se estudar a língua em seu contexto social, pois ao pesquisador interessa estudar a fala dos

indivíduos considerando o seu meio. A pesquisa sociolinguística, assim como outros tipos de pesquisas, conta como participantes alguns indivíduos que representarão o grupo social a que pertence.

De acordo com Coelho, Görski, Souza e May (2015)

Quanto ao tamanho da amostra, as pesquisas sociolinguísticas têm apontado que não há necessidade de amostras tão grandes como as usadas em outras pesquisas de natureza social (de intenções de voto, por exemplo) para se analisar fenômenos variáveis, uma vez que o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos, em virtude de não estar tão sujeito à manipulação consciente.(p.100)

Enquanto isso, Tarallo (2007[1985]), afirma que para uma análise sociolinguística é necessária uma quantidade enorme de dados. Justificando que “como o modelo é de natureza quantitativa, a representatividade do *corpus* (isto é, do material selecionado para análise) será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão” (p.20). Entretanto, o autor aponta que em certos casos é mais difícil para se coletar uma quantidade elevada de dados, principalmente para os de análises de fatores escassos na fala, como já citamos o caso de estudos sintáticos.

Na pesquisa sociolinguística, segundo Tarallo (2007[1985]), o pesquisador não pode se comportar como um sujeito observador, como se analisa em algumas áreas de estudo, mas ele deve estar participando da entrevista. Na verdade, ele precisa estar presente para controlar os caminhos que a pesquisa precisa trilhar, induzindo o informante a falar aquilo que ele necessita ouvir da forma mais natural possível.

Deve-se ter em vista que, em consequência disso (da presença do pesquisador), precisa-se de um cuidado redobrado para que o entrevistado não se sinta desconfortável e sua fala perda a naturalidade. O chamado paradoxo do observador.

É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também se utilizará do método da observação no momento de adentrar a comunidade de falantes. Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica. (TARALLO, 2007[1985], p.20)

Sendo assim, é importante que o pesquisador faça com que sua presença e a presença do gravador não incomodem o entrevistado a ponto de mudar sua fala natural, e se atente para que os dados recolhidos tenham boa qualidade sonora. Tarallo (2007[1985]) aconselha a importância da conversa ser totalmente informal e que, o

pesquisador se mostre interessado em aprender mais sobre a comunidade de falantes, os seus problemas e peculiaridades.

Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra ‘língua’ deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar (TARALLO, 2007[1985], p. 21).

No momento da coleta dos dados devem-se, portanto, ser conversado sobre assuntos banais, situações do dia-a-dia, trabalho, relações, família, etc. Enfim, constata-se que é interessante levar o informante a narrar de forma descontraída fatos da sua história de vida. Assim, o mesmo não se atém à forma, apenas aos acontecimentos.

Seja qual for a comunidade e os informantes da pesquisa, Tarallo (2007 [1985]) esclarece alguns cuidados importantes, que com certeza servirá como auxílio para todo e qualquer pesquisador sociolinguística. Acompanhe-os a seguir:

1. Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que o seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo.
2. Esclareça sempre ao informante que a fita gravada contendo informações até de natureza pessoal poderá ser inutilizada a pedido do entrevistado, na presença do mesmo.
3. Procure acomodar seu comportamento social e lingüístico ao do grupo ou comunidade entrevistada.
4. Procure entrar na comunidade através de terceiros.
5. O critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória.
6. Nos estudos da comunidade estabeleça parâmetros rígidos para a seleção dos informantes
7. O tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. (TARALLO, 2007[1985], p. 27-28)

Pensando numa metodologia de estudo sociolinguístico centrada na comunidade da fala, Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 100) expõem uma lista de importantes procedimentos que devemos seguir a fim de realizar uma pesquisa sociolinguística: seleção dos informantes; coleta de dados; identificação do envelope de variação; levantamento de questões e hipóteses; codificação de dados e análise estatística.

Na pesquisa deve-se levar em consideração os grupos sociais, assim, antes de tudo é preciso refletir sobre qual aspecto linguístico que se deseja analisar, para a partir do aspecto pensar em uma comunidade de fala. E para obter a familiaridade com a comunidade a ser investigada, é necessário o contato direto com os seus representantes – que são os **informantes**. Mas, como em um grupo social há centenas ou até milhares

de pessoas, é necessário que se faça uma seleção entre os componentes para que os informantes sejam os sujeitos representativos da comunidade que pertencem.

Na coleta de dados serão analisadas as falas espontâneas dos informantes que foram gravadas e terão obrigatoriamente que ser registradas através da escrita(transcrição). De acordo os próprios sociolinguístas, isso serve para que mais tarde se observem casos de mudanças linguísticas, já que apenas os registros orais, provavelmente, não resistirão ao tempo. E tendo tanto a entrevista como a transcrição é uma garantia de durabilidade maior.

Segundo Labov(*apud* Coelho, Görski, Souza e May, 2015, p. 102) a observação direta da língua falada em situações naturais (vernáculo), deve-se dispor de uma interação natural face a face, em que não haja monitoração ou atenção dispensada a fala. Com isso, requer-se muita cautela por parte do observador.

A melhor forma de coletar *bons dados* – que reflitam de forma fidedigna e em boa qualidade sonora o vernáculo – é a gravação de entrevistas individuais, procurando sempre minimizar a interferência de ruídos externos. No decorrer da entrevista, os dados mais interessantes provem de narrativas de experiências pessoais. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA E MAY, 2015, p. 103)

Após a escolha da comunidade e a coleta dos dados, o pesquisador partirá para a seleção dos dados a fim de delimitar o fenômeno que deseja analisar, seu envelope de variação. Para realização desta etapa, é importante que primeiramente seja reconhecida uma variável e identificar suas possíveis variantes. O próximo passo, segundo Coelho, Görski, Souza e May (2015) é fazer o levantamento de questões e hipóteses possíveis ou esperadas, que irão orientar a investigação.

Por fim, deve ser feita a codificação dos dados e, na sequência a análise estatística. Geralmente são usados letras, números e símbolos para a identificação dos dados, e cada código deve corresponder a um caractere e devem ser evitadas as repetições. É importante que se atente para o contexto em que as variáveis acontecem. E, após a descrição de todos os dados da variante escolhida, caso encontre-se uma quantidade elevada de dados é necessário abrir mão de alguns ou, é necessário que se faça uso de recursos computacionais, o que torna a análise mais segura.

## 2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quando falamos em variação linguística no Português Brasileiro (PB) estamos pensando na variação que sempre existiu em nossa língua, pois as pessoas sempre foram identificadas pela forma como falam. Dificilmente você vai ouvir alguém falar “oxente” e dizer que essa pessoa é paulista ou confundir a pronúncia de um carioca com um gaúcho; assim como é muito fácil percebermos a diferença, em muitos casos, da pronúncia de pessoas que sempre viveram na zona rural e pessoas da zona urbana.

Esses fatores nos mostram o quanto a língua é rica em variação. E que essas diferenças, principalmente no léxico, não distancia os falantes, com exceção de alguns desentendimentos que podem ocorrer em casos de culturas muito distintas. Mas seja em qual for o local, as pessoas se expressam de formas diversas, e cada forma demonstra uma característica particular que precisa e deve ser respeitada a cada dia, porque o que vemos, ainda nos dias de hoje, são pessoas intolerantes e preconceituosas que consideram uma forma de expressão superior à outra.

Um ponto interessantíssimo em que precisamos pensar quando falamos em variação é a utopia dos que acreditam que a língua é um sistema homogêneo, que todos nós falamos iguais, ou pelo menos, deveríamos falar, estigmatizando e desvalorizando a fala dos que não se encaixam em uma única norma, nesse caso, a padrão.

Pensando nisso, iniciaremos o primeiro subtópico a seguir refletindo sobre o conceito de variação linguística. Lembraremos que a variação linguística não se trata de algo recente que a linguística moderna ou outra área inventou, mas de um fato que nos acompanha desde antes do processo de colonização que sofremos. Baseado em autores como Viotti(2015), Tarallo e Coelho, Görski, Souza e May (2015).

Logo em seguida, estudaremos os tipos de variações, no nível extralinguístico, que ocorrem em nossa língua. Discorreremos sobre a variação no âmbito geográfico (diatópica), no âmbito social(diastrática) e no âmbito estilístico(diafásica). Após, continuaremos pensando nos tipos de variação, no entanto, vista de dentro do próprio sistema linguístico, a variação que ocorre no nível fonético-fonológico, morfológico e sintático.

### 2.2.1 Conceito de variação linguística

A história da implantação do português do Brasil tem sido caracterizada como multilinguismo desde o início do processo de colonização. E o estudo das variações da nossa língua vem sendo cada vez mais desenvolvido por pesquisadores que visam obter maiores conhecimentos sobre esse veículo de comunicação usada pela espécie humana.

Podemos então dizer que a questão da variação é bastante genérica e, portanto, para estudarmos a ocorrência da variação de alguns usos, devemos nos ater a alguns critérios mais específicos. Por exemplo, no caso do estudo desenvolvido neste projeto, em que se procura descobrir quais as estratégias de relativização (cortadora, copiadora e padrão) do PB são mais presentes em artigos de opinião de jornais digitais, pensou-se em uma pesquisa mais específica quanto a região em que os jornais estão situados e ao gênero sexual(masculino, feminino) dos colunistas.

Segundo Viotti(2015, p.146), “as variações de um elemento variável são chamadas *variantes*”, e a preferência pelo uso dessas variantes de uma variável pelos moradores, segundo Croft, 2000 *apud* Viotti(2015) vai depender de diversos fatores sociais de que o indivíduo pertence como faixa etária, nível de escolaridade, origem étnica, gênero e classe socioeconômica.

Para Coelho, Görski, Souza e May (2015, p.14), “a fala característica de um determinado grupo de falantes” é denominada **variedade**. Temos como exemplo: critérios geográficos (São Paulo e Salvador), critérios sociais (falantes mais escolarizados e falantes mais jovens), etc. Dentro dessa variedade, podemos definir como **variação** linguística as diferentes formas que podem ocorrer no mesmo contexto e com o mesmo valor significativo, sendo que a preferência por uma ou outra das formas possíveis de serem usadas não pode alterar a importância das mesmas e nem o avanço do conhecimento dos indivíduos que as utilizam.

A **variável** é classificada como o lugar em que ocorre a variação, por exemplo, temos o pronome “Tu” e o “Você”, sabemos que os dois podem ser usados em um mesmo contexto, com o mesmo valor significativo. Sendo assim, essas duas formas individuais são chamadas de **variantes** da variável que é o pronome pessoal “Tu” referente à segunda pessoa do discurso.

Coelho, Görski, Souza e May (2015, p.16) afirmam que “a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a

possibilidade de comunicação entre os falantes”, sendo perceptível que as pessoas falam de formas diferentes e sem problemas nenhum quanto à compreensão das suas pronúncias.

É normal que em toda comunidade linguística haja diferentes formas de os falantes se referirem a um mesmo objeto, e que essas variantes possuam o mesmo valor de verdade. Mas para Tarallo (2007 [1985]) as variantes de uma dada comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência em que uma tenta se sobrepor a outra.

O autor afirma que vai sempre se encontrar a variação

Padrão vs. não padrão; conservadora vs. Inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 2007 [1985], P. 11-12)

Em concordância com Tarallo (2007 [1985]), percebemos que é natural do nosso instinto enquanto seres humanos e, portanto, seres que vivem em constante interação, tentarmos ser e fazer melhor do que as pessoas que estão ao nosso redor, para alcançarmos um nível mais elevado e, conseqüentemente, entre outras supostas vantagens, sermos mais reconhecidos. Comportamentos como esses refletem não só nas nossas relações pessoais do dia a dia (status, poder aquisitivo, religião...), mas também em nossa língua.

Pois aqueles que fazem uso das variantes mais padrão tendem a ser a classe alta, mais escolarizada que possui maior prestígio na sociedade, principalmente por serem variantes conservadoras, ao passo que as variantes não padrão, que são adotadas principalmente pelas classes baixas, com menos escolaridade, são as estigmatizadas e inovadoras. Como exemplo, podemos citar as concordâncias “nós vamos” e “nós vai”. O primeiro é a forma padrão (conservadora de prestígio), preferida pelos mais escolarizados, enquanto a segunda é a não padrão (inovadora e estigmatizada), utilizada pelos falantes com menos escolarização.

Segundo Viotti (2015), entre as variáveis linguísticas há as que serão designadas como estáveis e as chamadas de instáveis. As variáveis instáveis são as responsáveis pelas mudanças que ocorrem na língua, já que o uso maior de uma variável (favorecida) pode ocasionar o desaparecimento da variável desfavorecida. Já a variação estável,



é aquela em que não existe predominância de uma variante sobre a outra, havendo um equilíbrio relativo que tende a se manter por algum tempo. Diferentemente, a variação é instável quando o processo pende para uma das variantes, em detrimento das demais. (VIOTTI, 2015, P. 146)

Viotti (2015) afirma que a variação pode ser estudada do ponto de vista sincrônico, que se aplica à variação que ocorre em um ponto específico do tempo, mas também do ponto de vista diacrônico, que estuda a variação que se constata ao longo do tempo e que pode ocasionar mudanças na língua. A respeito de mudanças e variação, o autor as entende como fenômenos paralelos, como dois lados de um mesmo procedimento linguístico e, portanto, toda mudança é fruto de uma variação.

No entanto Weinreich, Labov e Herzog, (2000); Meyerhoff, (2001) *apud* Viotti (2015, p. 146), asseguram que “uma variação observada hoje pode vir a ser a fonte de uma mudança depois de certo tempo. Entretanto, não se pode assumir que toda variação leve necessariamente a uma mudança.”

É importante sabermos que toda variação ou mudança linguística não se dá de forma aleatória, mas é fruto de algumas regras que são chamadas condicionadores. Em casos de variação, Coelho, Görski, Souza e May (2015, p.20) afirmam que os condicionadores

são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico como extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) ‘rival(is)’

De acordo com os condicionadores, nós conseguimos delimitar os contextos mais propícios para ocorrer a variação. Eles são denominados linguísticos quando estão relacionados aos fatores internos a língua (aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos...) e extralinguísticos quando se relacionam a aspectos externos a língua (faixa etária e grau de escolaridade...).

Nas sessões a seguir analisaremos mais a fundo os condicionadores extralinguísticos nos tipos de variação e os condicionadores linguísticos, nos níveis em que a variação ocorre.

### 2.2.2 Tipos de variação linguística

A teoria da variação ocorre em todos os níveis gramaticais, mas há variações linguísticas que não estão associadas diretamente às regras gramaticais, pois estão agindo em nossa língua de fora da gramática, são os chamados condicionadores extralinguísticos.

Essa variação vista de fora da língua, que para a sociolinguística é tão importante quanto a interna à língua, nos permite classificações como: variação geográfica ou regional (diatópica), variação social (diastrática) e variação estilística (diafásica). E são sobre esses tipos de variações, influenciadas por condicionadores extralinguísticos, que nos ocuparemos nos próximos passos dessa seção.

De acordo com Alkimim (2012, p 36), “a variação geográfica ou **variação diatópica** está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origens geográficas distintas”, o que nos permite identificar, na maioria das vezes, com muita precisão em qual região, estado, país, uma determinada pessoa habita.

Certamente, o principal fator que faz com que ao ouvirmos um paulista falar, o identificamos como tal, ou ao ouvir um baiano se pronunciar, o classificamos como tal está no nível fonológico e no nível lexical, pois são marcas linguísticas específicas que distingue uma região da outra. Para Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 38), “em geral, itens lexicais particulares que, certos padrões entoacionais e certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos (ou seja, *variedades*) diferentes de uma mesma língua”.

A variação regional tem se tornando uma marca tão importante para as regiões, que podemos perceber o quanto se caracteriza uma determinada pessoa pela forma que a mesma fala. E infelizmente muitas vezes essas diferenças servem, não apenas para identificar em qual lugar uma determinada pessoa mora, mas como alvo de preconceito e discriminação da fala de um povo.

Apesar do nome “variação regional”, esse tipo de variação não está associada apenas as variações no nível de regiões diferentes, mas em diferentes tipos de unidades espaciais, até porque existem variações com relação a distâncias menores, como a área rural e a área urbana, como afirmam Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 39)

Existe variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre o Nordeste e Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado), e mesmo entre falantes do centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros da mesma cidade)

Podemos citar alguns exemplos de variações regionais, de acordo com Alkimim (2012): “combóio” em Portugal e “trem” no Brasil, a preferência pela preposição verbal de negação, como em “sei não” no nordeste e “sei não” no sudeste, a expressão “de primeiro”, em lugar de “antigamente” ou “anteriormente” usado na Bahia. Há ainda variações muito conhecidas, como é caso da pronúncia do fonema /r/ em final de sílaba (coda silábica), em palavras como ‘torta’ e ‘porta’. No interior de São Paulo, pronunciam o retroflexo e no Rio de Janeiro, pronunciam a fricativa velar [x].

Além dessas variedades portuguesas, que podemos especificar regionalmente como, carioca, paulista e baiana, etc, a fala pode carregar marcas sociais dos falantes. A esse domínio dá-se o nome de **variação diastrática** ou variação social. Essa propriedade está ligada diretamente a condicionadores sociais (extralinguísticos) que têm a ver com a identidade e a organização da comunidade de fala, são eles: *nível socioeconômico, escolaridade, sexo/gênero e faixa etária*.

No condicionador nível socioeconômico geralmente a variação está relacionada à noção de privilégios sociais e econômicos. Pessoas de grupos sociais privilegiados tendem a fazer uso da norma culta da língua, enquanto os menos privilegiados favorecem o uso de variantes não padrão, norma popular.

Como consequência dessas escolhas relacionadas à classe social, estudos mostram, que as variantes usadas pelos menos favorecidos tendem a ser estigmatizadas e deixadas de ser usadas até que a mesma deixe de existir, sendo substituída, através do processo da “mudança linguística” por uma nova pronúncia. Enquanto isso, as variantes de maiores prestígios ganham a cada dia novos falantes. E quando se tornam generalizadas os seus falantes tendem a abandoná-las por outra menos popular.

Veja alguns exemplos a seguir de Alkmim (2012, p.38): A flexão verbal com relação ao pronome “tu”: “tu falas” por “tu fala” e “tu falaste” por “tu falou” “Uso da dupla negação, como em ‘ninguém não viu’”, “eu nem num gosto”; “presença do [r], em lugar de [l], em grupos consonantais, como em ‘brusa’(blusa) e ‘grobo’ (globo)”.

Com relação ao grau de escolaridade, acredita-se que as pessoas que tiveram maior contato com a escola falam de forma mais padronizada do que aqueles que

cursaram apenas o ensino fundamental 1 ou são analfabetos. Segundo Coelho, Görski, Souza e May (2015, p.41) “supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como ‘nós vai’ ou ‘a gente vamos’, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem ‘nós vamos e ‘a gente vai’” formas com concordância aceita pela gramática.

Outro exemplo importante a ser citado, se tratando do grau de escolarização, é a concordância nominal de número. Pois acreditamos que dificilmente um falante bem escolarizado falará “os menino”, mas é certo que ele pronunciará “os meninos”, fazendo a perfeita concordância. Enquanto, provavelmente um analfabeto não se atentará a isso, e falará “os menino” sem problema algum.

Falando do condicionador extralinguístico: sexo/gênero, de acordo alguns estudos, as mulheres tendem a serem mais conservadoras do que os homens, fazendo uso das variantes de maior prestígio social. No entanto, Coelho, Görski, Souza e May (2015) afirmam que essas variações conservadoras das mulheres está diretamente relacionada às histórias culturais de diferentes regiões, pois há regiões que os homens serão os conservadores invés das mulheres.

Segundo Labov (1982) *Apud* Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 44),

as mulheres nas sociedades ocidentais em geral são mais conservadoras do que os homens, mas em sociedades asiáticas, por exemplo – em que elas, em geral, não tem um papel de destaque – as mulheres reagem menos fortemente às normas da cultura dominante. Nesse caso, o comportamento conservador seria observado na fala dos homens.

O quarto condicionador extralinguístico responsável pela variação diastrática da língua é a faixa etária. A relação entre idade e variação é um aspecto um tanto importante, já que aqui precisaremos refletir não apenas em variação, mas em mudança linguística. No fato de que a língua além de variar ela sofre mudança, ou seja, com o passar do tempo, algumas formas linguísticas podem deixar de existir e ser substituídas por outras. Entretanto, estudos têm apontado a impossibilidade de se fazer a observação quanto a faixa etária sem que se leve em conta a correlação entre indivíduo, comunidade e os demais condicionadores.

Observe as informações sobre a influência da idade na variação, segundo Alkimim (2012, p. 38):

- O uso do léxico particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária jovem;
- uso do pronome *tu* em situação de interação entre iguais no rio de Janeiro, como em “Tu viu só?”, também sugere que os falantes são jovens.

A **variação diafásica** ou estilística é a variação na fala de uma mesma pessoa, ou seja, as diferentes formas de expressão/ papéis sociais que um mesmo indivíduo desempenha nas interações em casa, na faculdade, na igreja, com os amigos, com o presidente, etc. Para Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 46),

nossos papéis sociais se alteram conforme as situações comunicativas das quais participamos – por exemplo, entre professor e aluno, patrão e empregado, pai e filho, entre irmãos etc. – e estão intimamente relacionados aos tipos de relações que ocorrem entre o locutor e seu interlocutor[...]

O grau de formalidade em nossa fala sempre vai depender de onde falamos e com quem falamos. Certamente no ambiente familiar e entre amigos, a tendência é de que usemos uma linguagem mais informal, sem muitos ajustes, enquanto numa sala de aula ou numa reunião com o prefeito, tendemos a nos preocupar mais com a colocação dos termos, fazendo uso de uma linguagem mais formal. Essa linguagem informal será chamada de *registro informal* e a formal de *registro formal*.

Lembrando que não vai haver apenas esses dois extremos, pois estamos todos os dias tendo relações variadas, e para cada uma, utilizamos uma forma de falar. Além dessa variação estilística, que se trata da variação na fala, vai haver a variação entre a fala e a escrita que será denominada “variação diamésica”

Para Mollica (2003, p.13), “qualquer que seja o eixo, diatópico/ geográfico, diastrático/social, ou de outra ordem, a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre”. Sendo assim, concluímos que é inevitável que se faça a análise da variação em um contexto sem levar em consideração todo o ambiente social em que os indivíduos estão inseridos.

### 2.2.3 Níveis de variação linguística

Na nossa língua contamos com inúmeras formas de falarmos de uma mesma coisa, e isso revela o nosso caráter heterogêneo. Há enunciados que nossa língua não permite, pois são formas agramaticais que podemos considerar impossível no nosso

português. Por exemplo, é totalmente aceitável falar “a igreja”, no entanto não é usual falarmos “igreja a”, mostrando que existe um conjunto de regras regendo as variações.

Mas o principal foco dessa seção é para formas como *peixe/peixe*, *homem/home*, *umas casinhas bonitinhas/ umas casinha bonitinha*, *eles bebem/ eles bebe*, *palha/paia*, *aipim/ mandioca*, que são condicionadas por fatores estruturais da língua, ou seja, fatores linguísticos. Dentre esses fatores estão a variação fonético-fonológica, a variação morfológica e a variação sintática.

A **variação fonológica** diz respeito à variação, (presença, ausência, substituição) das menores unidades sonoras de uma palavra – são os fonemas das palavras. Podemos exemplificar de forma bastante simples, quando pensamos no [r] em algumas situações, como em posição final da palavra.

Ex: O mar está lindo vs O máØ<sup>1</sup> está lindo

Segundo Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 25), esse tipo de variação também pode ser explicado pela *despalatalização* – fenômeno que consiste na perda da palatalização. O <lh> passa a funcionar apenas como <l>, como em *palha>palia*. E também pelo *iotização*, que corresponde à evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: *palia>paia*.

Além desses dois exemplos os autores apresentam, um quadro de fenômenos que explicam o processo de variação fonológica: a *síncope*: suspensão de um segmento sonoro no interior da palavra (ex: ‘relampo’ por ‘relâmpago’); *monotongação*: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal (ex: ‘cenora’ por ‘cenoura’); *rotacismo*: troca da consoante [l] pela consoante [r] (ex: ‘probrema’ por ‘problema’); *epêntese vocálica*: emissão de uma vogal entre consoante (ex: ‘peneu’ por ‘pneu’), dentre outros.

Outro condicionador interno à nossa língua que sofre variação é o componente gramatical que trata da formação interna das palavras, denominada morfologia – estuda os morfemas (unidade mínima significativa). Esse tipo de variação é chamado de **variação morfológica**. Exemplificaremos de forma simples quando pensamos no caso do gerúndio, que são formas verbais que possuem na sua estrutura o acréscimo da partícula -ndo, mas em casos de variação morfológica, o verbo perde essa partícula, ou seja, a partícula -ndo é reduzida para a partícula -no, com a queda do fonema /d/. Como em: ‘brincando’ > ‘brincano’ / ‘andando’ > ‘andano’.

---

<sup>1</sup> Corresponde a vazío.

Outro exemplo, que podemos claramente notar a variação dos morfemas é a suspensão do *-r* marcando o infinitivo dos verbos. Observe nos exemplos: ‘andar’>‘andá’, ‘correr’> ‘corrê’, ‘dançar’ > ‘dançá’, entre vários outros. Mas Coelho, Görski, Souza e May (2015, p.27), chamam a atenção para alguns cuidados, como o fato de que “se opusermos esses casos à palavra ‘revolve’ (por ‘revólver’), por exemplo, veremos que neste último exemplo a queda do *-r* é um fato apenas fonológico, pois *-r* não é um morfema, e sim parte do radical da palavra”.

Sendo assim, é de suma importância que se conheça o que é um fonema e o que é um morfema para que não haja confusão na classificação da variação. Pois quando a variação é só em um fonema, se trata de uma variação fonológica, mas de acordo com Coelho, Görski, Souza e May (2015), quando vai também para o âmbito do morfema

talvez fosse mais interessante dizer que, nesses casos, o que temos é uma **variação morfofonológica** – uma vez que os morfemas que caem são também fonemas. É um caso, portanto, de interface, que ocorre quando um caso de variação abarca dois ou mais níveis gramaticais. (p.28)

Ao sairmos do campo da fonética e da morfologia, adentramos na sintaxe. A variação que abarca o fenômeno sintático é chamada de **variação morfosintática** – que também é um caso de interface. Segundo Mussalim e Bentes (2012, p. 221), “o termo sintaxe tradicionalmente remete à parte da gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada sob a forma de regras.”

Sendo assim a variação morfosintática diz respeito às variadas formas que podemos construir uma mesma sentença. Um bom exemplo se encontra no principal foco deste estudo, que é o uso das estratégias de relativização do PB. Nesse âmbito temos três construções relativas que estão presentes ativamente em nossa língua: (1) padrão – o livro *a que* me referi é muito ruim; (2) cortadora – o livro *que* me referi é muito ruim; (3) copiadora – o livro *que* me referi *a ele* é muito ruim.

A primeira (1) construção é a aceita pela Gramática Tradicional (GT), geralmente utilizada pelos falantes muito bem escolarizados; a segunda (2) é uma inovação da primeira, em que a preposição que acompanha o pronome relativo é cortada, estudos mostram que tem sido a construção de preferência na fala; e a terceira (3), segundo alguns estudos, é mais usada entre os falantes menos escolarizados ou não escolarizados.

Outro exemplo de variação no âmbito da sintaxe é a posição do clítico em relação ao verbo. Coelho, Görski, Souza e May (2015,p. 29) citam os seguintes exemplos: ‘Eu *vi-o* no cinema’ e ‘Eu o *vi no* cinema’, para mostrar que embora a *ênclise* (posição pós-verbal) que ocorre no primeiro caso, seja mais bem avaliada do ponto de vista do senso comum, a *próclise* (posição pré-verbal), que ocorre no segundo caso, “é mais frequente no português falado no Brasil, especialmente quando o sujeito está anteposto ao verbo”.

Mollica (2003) deixa claro que, pensando nos fatores linguísticos, a variação sempre terá efeito de atuação de vários fatores simultaneamente, porque é impossível medir os dados de uso real de uma categoria sem observar os outros presentes. Por exemplo, não dá para medir o singular ou plural de um nome separadamente do verbo. Isso mostra a importância de se interligar os estudos, uma vez que um fator estará sempre influenciando o outro.



### **3 O PORTUGUÊS BRASILEIRO: SEU CARÁTER SOCIAL E A CARACTERIZAÇÃO DE SUAS NORMAS**

Nesta seção, faremos algumas considerações a respeito do Português Brasileiro. Para tanto, pensaremos no seu caráter social e como língua e sociedade sempre caminharam juntas.

No segundo tópico desta seção, respaldado em Faraco (2008), falaremos das maneiras particulares que os diferentes grupos sociais adotam como forma de falar, são as chamadas normas linguísticas. Caracterizaremos as normas culta, padrão e popular, a fim de reforçar a nossa rica heterogeneidade linguística, que apesar dos preconceitos que ainda existem, nunca deixou de existir.

Trata-se de uma reflexão, para que não continuemos no equívoco de achar que há um único modelo de língua correto, o padrão que em hipótese alguma podemos nos desviar, pois se isso vier acontecer, estamos falando errado e devemos ser discriminados. Não é isso, existem diferentes normas com importantes valores, não é lícito que sobreponhamos umas às outras com intuito de privilegiar ou desprestigiar.

#### **3.1 LÍNGUA E SOCIEDADE**

A língua é essa rede de variações que só conseguimos entender quando entramos em contato com o meio social em que o indivíduo está inserido, o que reflete na forte relação existente entre língua e sociedade. Percebemos que o meio social está mesclado de variantes linguísticas em seus diversos níveis – fonético-fonológico, morfológico e sintático – e que elas se encontram em situação de disputa por preferência e privilégios, mas nunca deixaram de existir.

Para entendermos e conhecermos um povo, além de pesquisarmos a respeito da sua cultura, condições de vida, urbanização, geografia etc, voltaremos também para uma análise da sua língua, já que todos esses aspectos se forjam através da linguagem verbal. Com isso, pode-se compreender que não é possível dissociar a língua da sociedade, mas que elas devem andar juntas no processo de estudo.

No entanto, no período do século XX o linguísta suíço Ferdinand de Saussure, através do seu *Curso de Linguística Geral* pensou de forma diferente ao distinguir os

fenômenos internos à variação linguística dos fatores sociais externos a língua, pois ele acreditava e tinha como objeto de estudo da linguística as relações estruturais entre os elementos internos da língua, o sistema. Seu ensinamento é comprovado pela conhecidíssima frase do *Curso* “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”.

Logo após, Antoine Meillet, discípulo de Saussure, decide contrariar/contribuir com o posicionamento do seu mestre, pois o mesmo acreditava que fatores sociais e língua são indissociáveis. De acordo com Calvet (2002, p. 15) “enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o *fato social* e o *sistema que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à dicotomia, à história.”.

Segundo Calvet (2002), Saussure considerava a língua como uma instituição social, no entanto, não há uma explicação para esse seu pensamento, havendo uma contradição na teoria e no que está sendo explicado, uma vez que o caráter linguístico é observado por ele apenas na organização interna do seu sistema. Enquanto isso, Meillet trabalha e busca explicar os conceitos de que a língua é um “fato social” e “um sistema que tudo contém”.

Através disto, podemos perceber a proximidade dos pensamentos de Saussure e seu discípulo Meillet quando afirmam a língua com caráter social, entretanto, apesar de possuírem a mesma idéia não lhes dão o mesmo sentido

Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social, enquanto, já vimos, Meillet dá à noção de *fato sócia* um conteúdo muito mais preciso e muito mais durkheimiano (...). De fato, enquanto Saussure distingue cuidadosamente estrutura de história, Meillet quer uni-las. Enquanto o empreendimento do lingüista suíço é essencialmente terminológico (...) o de Meillet é programático: ele não deixa de *desejar* que se leve em conta o caráter social da língua. (CALVET, 2002, P. 17)

Dessa forma, de acordo com May (2011), tanto Saussure quanto Meillet possuem influências que lembram os princípios do sociólogo francês Émile Durkheim em suas propostas de estudo da língua. Firth (1957, p. 179) *apud* May (2011, p. 68) afirma que

a linguística geral de Saussure está proximamente ligada à sociologia de Durkheim. Sua abordagem teórica pode ser descrita como “estruturalismo durkheimiano”. Saussure, pensando em termos durkheimianos, considerava os fatos sociais como *sui generis*, além de serem externos e de estarem num plano diferente dos fenômenos individuais.

Já a respeito de Antoine Meillet, o mesmo autor afirma que apesar dele ter trabalhos sobre a linguística comparativa, filologia, semântica, linguística histórica etc, Meillet continua sendo referência nos estudos sobre gramaticalização. Ele ficou de fato conhecido no ramo da linguística após dar ênfase à sua concepção de língua e à natureza social da linguagem. É através deste ponto que, segundo May (2011), observa-se a influência do sociólogo Durkheim sobre o Linguísta.

Entretanto, diferentemente de Meillet que apresenta muito claramente a influência do sociólogo em suas teorias, Saussure, apesar de também considerar a língua um fato social, não se apropriou tanto dessa teoria uma vez que o seu estudo da língua está muito mais pautado em aspectos internos que sociais.

Pensando na história do nosso povo e comprovando com a perspectiva do multilinguismo que se consolidou na história do Brasil, Illari e Basso (2012) afirmam que o motivo pelo qual a história linguística do Brasil tem sido muito complexa, ao longo dos 500 anos de história, é principalmente por ter sido mesclada pela presença de línguas indígenas, do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos africanos e das línguas européias e asiáticas faladas pelos imigrantes.

Assim é possível perceber que, desde então, convivemos com uma grande diversidade linguística em um mesmo ambiente e conseguimos nos comunicar perfeitamente, mesmo que algumas vezes venhamos a não entender, quanto ao significado de alguns termos (léxicos) que uma pessoa de outra cidade, município ou estado nos fala, ou até termos, que uma pessoa mais idosa utiliza.

Este estranhamento, que acontece ao nos depararmos com meios sociais diferentes, reflete no fator da heterogeneidade linguística, pois a língua está em constante variação, indicando que enquanto um indivíduo usa uma determinada variante aqui, existem outros que usam outras variantes da mesma variável, em outro local ao mesmo tempo.

Isso se tratando do léxico em uma perspectiva da variação geográfica, mas num ponto de vista mais voltado para a variação no sistema linguístico, estamos em todo o tempo em contato com pessoas muito próximas, e é visível as diferentes formas de falar. Já vimos mais sobre variação nas seções anteriores.

Os estudos na área da linguística deram, e ainda dão grande importância à língua falada, afinal é ela que primeiro aprendemos (no caso dos ouvintes), que usamos para nos comunicarmos com todos que vivem a nossa volta, desde os mais próximos até os mais distantes. Pensando neste grande valor da fala, Bagno (2011, p. 24), afirma que “a

língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultante das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano”.

Deste modo, a escrita passa a ter um valor secundário para a linguística, entretanto, não deixa de exercer o seu papel de grande importância. Alguns acontecimentos de muitos e muitos anos, por exemplo, ainda sobrevivem por terem sido registrados através da escrita e conservados ao longo do tempo. Para Bagno (2001, p. 24) “desprezar a escrita seria quase um suicídio científico”.

Mas podemos pensar que durante um bom período da nossa história, o estudo, o acesso a escrita não era para todos, sendo assim, poucos aprendiam a ler e a escrever, enquanto a língua falada não, ela nos acompanha desde o nosso nascimento, nós não precisamos ir a escola para aprender, aprendemos em casa, no contato com amigos e familiares, portanto é um processo, pode-se dizer, muito mais natural.

Mesmo que algumas variações nas nossas falas sejam o fator responsável para muitos sofrerem preconceito linguístico, foi a escrita que por muito tempo ficou privada e sendo usada/ aprendida apenas pelas classes com maior prestígio social. E ainda hoje muitos não possuem acesso ao nosso português escrito, devido diversos entraves que enfrentou e ainda enfrenta na vida. Enquanto a fala não, se nasce brasileiro ouvinte é certo que falaremos o nosso português brasileiro independentemente de ir a um ambiente específico para aprender.

Um grande benefício e, sem dúvida, uma das grandes preocupações da linguística, é o combate ao preconceito linguístico que ainda encontra-se enraizado em nossa sociedade, a aceitação da fala do outro, sem precisar taxá-la como errada. Porque compreendemos que a linguagem é a principal característica que nos diferencia dos demais seres vivos existentes, é ela que nos permite a expressão de sentimentos, a revelação de conhecimentos, nos dar a oportunidade de expor nosso ponto de vista nas diversas instâncias do contexto social em que estamos inseridos.

Portanto, afirmar que alguém não sabe falar e/ou fala errado é um desrespeito com o nosso semelhante e uma falsa idéia, que foi impregnada em nossas mentes de que há uma única maneira correta de se falar que conseqüentemente deve ser a mesma que usamos ao escrever. Essa é a nossa maior controvérsia, por vários motivos nunca falamos da mesma forma que escrevemos, a fala tem um caráter muito mais espontâneo e a escrita bem mais programática.

De acordo com Bagno (2007), as pessoas acreditavam que o nosso vernáculo pode até variar, mas a escrita seria mais homogênea e invariável, assim Perini (1997) *apud* Bagno (2007, p. 100-101) constata que,

há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de ‘português’; e outra que se fala ( e que é tão desprezada que nem tem nome). É esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (o ‘português’) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente.

De fato temos dois português e não são todos os brasileiros que conseguem dominar os dois, muitos “travam” no caminho e não tem condições de adquirir os dois níveis. A escolarização nunca alcançou a todos.

Relacionados à linguagem, encontram-se dois níveis da fala que são de grande relevância: o formal, que certamente está intimamente ligado a linguagem escrita, a qual tem o papel de obedecer fielmente às normas gramaticais. O que faz deste nível “soberano”. Contrapondo ao nível formal, está o nível informal. Este assume o estilo gramaticalmente considerado de menor prestígio, por, na maioria das vezes, não estar atrelado ao padrão da gramática.

Em concordância com Bagno (2007, p. 36) “é uma ilusão social acreditar que é possível encerrar num único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua”, mas é justamente o contato entre língua e sociedade/ meio cultural que compreende a expressão linguística mais natural/real, repleta de variações e em constante processo de mudança.

É nas discussões do uso informal da linguagem que surgem as denominadas variações linguísticas, explicando e apresentando a língua na sua variedade em consonância com os fatores sociais, culturais, regionais e históricos em que é utilizada.

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto *homogêneo*, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, *múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução* [...]. A língua é uma atividade social, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36)

Partindo do mesmo ponto de vista de Meillet, já exposto anteriormente, podemos acreditar que os estudos (Socio) linguísticos surgiram para mostrar que a língua não é

homogênea, ao contrário, ela se diferencia de acordo com a questão histórica, geográfica e sócio-cultural. Como um sistema influenciado pelo meio externo, entendida como uma das características dos homens com a sua diversidade e sua capacidade de mudança.

### 3.2 A NORMA CULTA, PADRÃO E POPULAR

Não precisamos de muitos estudos para já compreendermos que a nossa língua sempre foi e sempre será heterogênea, não está estagnada e nem posta em um vidrinho para conservarmos a mesma desde sempre; pelo contrário ela é cheia de variedades que deveriam ser marcas de nossa beleza linguística. Além disso, essa língua, diferente do que muito se pensava, não está pautada unicamente na linguística, mas tem igual ligação com a nossa cultura e nossa política.

A depender do modo de vida, costumes e relações de uma determinada comunidade, eles adotarão, mesmo que inconscientemente, uma maneira própria de falar, um sotaque, uma particularidade. E são essas particularidades ocorrentes em diferentes comunidades de fala que é conhecido na linguística e Faraco (2008) chama de **norma**. Para o autor

É possível [...] conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos lingüísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 35)

Assim, fica evidente que, independentemente das diferenças, não existe como muitos ainda insistem em afirmar: “não sei falar português correto”. Diz-se isso apenas por não falamos de forma tão bem estruturada como está descrita nas nossas gramáticas normativas. Entretanto, Faraco (2008) ressalta que seja qual for a norma linguística que adotemos, ou seja, a nossa maneira própria de falar, ela é estruturalmente organizada e sendo assim, é impossível falarmos sem gramática.

Falar uma variedade de pouco prestígio, mesmo que os amantes do padrão das gramáticas afirmem ser feio, errado, não o é. Não existe, segundo a linguística, uma língua correta, livre de variedades de um lado e as variedades ocorrendo exclusivamente em outro pólo, pois a língua em si já é um conjunto de variedades.

Faraco (2008, p. 35) afirma que há dois olhares que a depender do qual resolvermos adotar, teremos um posicionamento com relação à norma. Para ele “se adotarmos um olhar gerativista, diremos que a cada norma corresponde uma gramática. Se adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico) será produtivo equiparar norma e variedade.”. Já que estamos falando sob uma perspectiva sociolinguística, adotaremos a segunda posição posta pelo autor.

Sob um olhar variacionista, não há falantes que fale errado ou não saiba o português, o que há são diferentes normas e aí sim, existem falantes que não dominam determinadas formas enquanto outros só têm a sua variedade como correta e estigmatiza a das outras pessoas. Mas algo é certo, e aqui, em concordância com Faraco (2008) defenderemos, não existem falantes que falem sem o domínio de alguma norma, o que há são histórias e experiências de vida diversas que fizeram com que as pessoas usassem seus vernáculos a partir de regras e lógicas diferenciadas, porém corretas.

De alguma forma, foi a nossa história que nos fez achar que existe uma norma perfeita e que deveremos estar sempre em busca de segui-la, pois quando isso não acontece, o que fazemos estará sempre incorreto. No entanto, para a linguística, se conseguimos falar e ser compreendidos, ou seja, produzir diálogo, não há erro, pois estamos seguindo uma determinada norma do nosso meio social, seja ela característica de comunidades periféricas urbanas, rurais, grupos de idosos, jovens, etc.

Um fato muito importante que Faraco (2008) apresenta e que vale a pena ressaltar, é que um mesmo falante domina normas diversas, pois está inserido em um meio sociolinguístico com diversas pessoas e que cada uma dessas pessoas dispõem de outras normas. Assim, a depender do local em que esteja e das pessoas presentes, o falante vai usar uma norma linguística. Norma essa que agrega não só valores linguísticos, como valores socioculturais.

A norma a qual fazemos uso, também nos faz ser identificados como pertencentes a determinado grupo social. Por exemplo, se alguém se dirige a você em situações que não são formais, e fala fazendo concordância verbal e nominal em todos os elementos da sentença, usando jargões que você só ouve em situações muito formais que não são normais no seu dia a dia, logo perceberemos que não se trata de um falante de um grupo social pouco escolarizado e que vive em lugares distantes como as zonas rurais, mas alguém que reside em centros urbanos, talvez com um emprego de muito prestígio social e bem escolarizado.

Essa estigmatização que algumas normas linguísticas sofrem faz com que os seus falantes se sintam envergonhados em algumas situações ou até, como o próprio Faraco (2008) salienta, queiram buscar o domínio de outras normas mais prestigiadas pelo desejo de se identificar com outros grupos e conseqüentemente ser mais aceitos e mais bem vistos numa sociedade “cega” por todo tipo de preconceito que possamos imaginar.

Toda norma vigente em uma sociedade não vive só, ela está em contato com várias outras. Assim, uma norma vai influenciando a outra e facilitando o nosso processo de mudança linguística, dessa forma, a norma não é estática, é organizada, porém mutante

Não existe, em suma, uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desbordamentos, entrecruzamentos. (FARACO, 2008, P. 42)

Tendo como base este conhecimento de norma, baseado em Faraco (2008), faremos um aprofundamento e distinção entre a norma culta, a norma padrão e a norma popular, respectivamente.

A **norma culta** é aquela pertencente aos grupos urbanos mais escolarizados e conseqüentemente mais favorecidos, os chamados falantes cultos da língua/ da boa linguagem, aqueles que falam e escrevem com mais coerência com os padrões normativos da gramática tradicional. Segundo Faraco (2008, p. 46-47), pelos critérios da NURC, a norma culta “[...] seria a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa em situações monitoradas”

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a norma culta é de poucos e para poucos. Pensando a alguns tempos atrás, seria para menos ainda, uma vez que, a parcela de brasileiros com ensino superior hoje ainda é muito pequena, mas era muito menor antes. E se levarmos em consideração que para ser culta precisa-se apenas fazer bom uso da escrita em língua portuguesa, o quadro não muda em muita coisa, pois existem falantes que se expressam muito bem em situações de monitoramento, mas não conseguem desenvolver bem a escrita, pois, a língua escrita exige muito mais do que dominar a fala, ela é repleta de regras.

As regras de que dispõe a norma culta, surge como se fosse um divisor de águas para mostrar quem são os falantes que, de fato, fazem bem o uso do português e os que



apenas usam, mas não da forma considerada correta. Tem muita relação com a cultura linguística de um povo. Pensando desta forma, podemos imaginar a norma culta como um fator que às vezes é motivo de hierarquização dos falares e escritas que seguem um modelo padrão de língua, uma determinada norma, que com relação as demais são tidas como desvios.

Entretanto,

não há grupo humano sem cultura, como bem demonstram os estudos antropológicos. Por isso, é preciso trabalhar criticamente o sentido do qualificativo culta, apontando seu efetivo limite: ele diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, à cultura escrita. Assim, a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diferentemente relacionados com a cultura escrita. (FARACO, 2008, P. 54)

A partir desta colocação do autor, podemos perceber que apesar da força que a norma culta possui, ela jamais deve ser vista como sinônimo de superioridade, pois no início dos séculos, saber ler e escrever era privilégio e estava ao alcance de pouquíssimos, mas mesmo assim já havia comunicação, cultura. Essa idéia que de alguma forma os defensores da norma culta pretendiam ou pretendem conservarem uma sociedade tão desigual socioculturalmente e linguisticamente plural como a nossa não deve prevalecer.

Assim, a escrita teve por muito tempo essa marca elitista e tão aristocrática, mas ainda hoje ela é restrita a poucos e ainda continua funcionando como fator de discriminação, tanto social como cultural e econômica. Faraco (2008) afirma que foram agregados a língua valores poderosos, simbolizando uma determinada classe social, emblema de nobreza e fator de exclusão.

Todo preconceito em volta da nossa língua, de acordo com Faraco (2008) tem muito a ver com a nossa educação. Não temos uma educação de qualidade e a população ainda conta com grande número de pessoas com poucos anos de escola e/ou até analfabetos, dessa forma os mais escolarizados tentam se sobrepor aos demais pelo critério do bem falar, denominado por Faraco (2008) **norma curta**. Mas para o mesmo autor, é preciso alcançarmos, pelo menos, três metas para conseguirmos mudar, ou tentar mudar, esse quadro linguístico da nossa nação. Observe cada uma.

- 1ª – universalizar a educação básica, isto é, garantir de 11 a 12 anos de escola a todas as nossas crianças e adolescentes;
- 2ª – oferecer a todos uma educação de qualidade, o que significa, na área da linguagem, garantir, entre outras coisas, que os alunos saiam da escola básica com um bom domínio das práticas sociais de leitura e escrita;
- 3ª – redesenhar nossa maneira de encarar nossa realidade lingüística, em especial, nosso modo de entender a norma culta/ comum/ *standard*<sup>2</sup> falada e escrita. (FARACO, 2008, P. 69)

Mas, com o passar dos anos foram surgindo na Europa e caminhando para os estados centrais modernos a necessidade de se libertar de uma variedade linguística tão grande e de se adquirir uma única identidade linguística que servisse para todos, e que estivesse acima das diversidades regionais e sociais. Passou a existir o processo padronizador de língua, a referência, que ficou muito conhecido e que hoje podemos designar **norma padrão**.

De acordo com Faraco (2008), já que, com vimos acima, a norma culta que ele chamará de norma culta/comum/ *standard* é a variedade escolhida pelos letrados para fazerem uso corretamente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, a norma de que estamos tratando nesse momento, a padrão, “não é propriamente uma variedade da língua, mas [...] um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”. (p. 73)

Essa norma é a que carrega em si, de forma congelada, os padrões da língua, padrões esses que serão sempre corretos e que servem não apenas para uma determinada comunidade de falantes, como é o caso da norma culta, que é utilizada por falantes elitizados e bem escolarizados, mas seria o modelo de língua que todos os falantes brasileiros (pensando na norma padrão do português brasileiro) deviam a risca seguir, mas que ninguém fala.

A norma-padrão aparece fora do universo da variação, fora dos usos sociais da língua empiricamente comprováveis. Com isso, quero deixar claro que a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia lingüística, que exerce evidentemente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados. (BAGNO, 2007, p. 106)

---

<sup>2</sup> Segundo Faraco (2008, p. 71) “a expressão norma culta/comum/standard, [...] designa o conjunto de fenômenos lingüísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a Le atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social.”

É neste ponto que nasce mais uma incoerência e abre as portas para o desrespeito humano, pois somos um povo de vários falares, somos de fato um país miscigenado, não podemos cobrar uma verdade, e nesse caso, um único modelo de língua para uma diversidade tão grande. Sem contar que, como já afirmamos em alguns momentos, a nossa língua está em constante processo de mudança e a cada dia surge uma novidade, e não podemos fechar os olhos e ouvidos e fingir que somos uma com um padrão que todos devem seguir sem erro.

Como já podemos imaginar, essa é a norma que está muito próxima da norma culta, ambas com guardiões do “bom”/ “correto” falar e escrever do português brasileiro.

No Brasil, segundo Faraco (2008) esse desejo de padronização surgiu do anseio da elite letrada em se parecer cada vez mais com os europeus e viver num país branco. Dessa forma, os brasileiros favoráveis à esse norma, objetivou então, combater as variedades do português popular, uma vez que a norma girava e ainda gira em torno de uma minoria que sente-se superior, não só socialmente, aquisitivamente, racialmente, mas linguisticamente às classes menos favorecidas.

O autor ainda afirma que o projeto do tão sonhado português padrão fracassou, “por ferir excessivamente o senso linguístico dos falantes urbanos letrados brasileiros” (FARACO, 2008, p.80). Eles nunca conseguiram alterar a cara linguística do nosso país, mesmo os internalizadores da norma insistindo em amedrontar-nos com seus modelos de língua perfeitamente corretos.

E, a favor dessa padronização da nossa língua, a chamada norma curta, contribui, e muito, para a desqualificação da nossa diversidade e variação linguística, agindo preconceituosamente com aqueles que não seguem o padrão estipulado como certo. A partir disso, podemos perceber que mesmo tantos anos depois, ainda que de uma forma mais sutil, a norma padrão fixada no século XIX em nosso país, permanece viva e com grande força na atualidade.

A norma estreita/padrão a que Faraco (2008) designa **curta** trata de “um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustenta uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/ comum/ *standard*.” (p.92).

Graças às flexibilidades que bons dicionários e gramáticas veem apresentando é que esses seres que transpiram o padrão linguístico do século XIX ainda não têm crescido tanto como de fato devem almejar. Porém, nem sempre o que a norma curta

afirma, em se tratando da nossa língua, eles próprios conseguem apresentar uma explicação plausível e convincente, às vezes são apenas pessoas querendo se sobrepor às outras e como já dito acima, muitas vezes, não basta o poder aquisitivo, a cor de pele, a região pertencente etc, essas pessoas também apelam para a língua.

Ao afirmarmos que alguém é ignorante e que não sabe falar e escrever estamos sendo ofensivos, pois língua é identidade, é cultura, e não é porque não participemos da cultura de alguém, nesse caso, não falamos da norma que o grupo social do outro compartilha que a nossa norma (variedade linguística) seja superior a do outro. De fato, o que falta em nossa sociedade como um todo é respeito, pois “em matéria de língua, não há uma autoridade a que se possa apelar em busca da palavra definitiva” (Faraco, 2008, p. 100).

Por fim e não menos necessário, como **norma popular** podemos caracterizar o “povão”, todos os brasileiros que falam, se comunicam, se entendem, explica se um amigo de outra região disser que não entendeu o que é tangerina, ou não entender o “oxente” da nossa querida Bahia. Sem “frescuras” e sem discriminação, falar a língua que o povo fala, pois como já foi ressaltado anteriormente, ninguém fala sem gramática. Bagno (2007) propõe chamar a norma popular, o vernáculo de variedades estigmatizadas.

É claro que, como todo linguísta, defendemos o ensino do nosso português, os usos das construções possíveis na nossa língua, mas o que não defendemos é que se tenha um único padrão, o padrão alvo do século XIX, que devemos caminhar em direção dele apenas, e acima de tudo, discriminar aqueles que não o fazem uso. Pois, o que existe são diferentes normas, cada grupo faz o bom uso das do seu convívio, e não há nada de errado nisto. Uma vez que, como afirma sabiamente Faraco (2008, p.38) “Cada falante é um camaleão linguístico”, ele se adapta aos falares, aos grupos sociais a que pertence.

## 4 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

A presente seção faz um aprofundamento a respeito da variável em estudo neste trabalho que é o emprego do pronome relativo em casos que o sintagma é ou deveria ser preposicionado, processo denominado relativização. Assim, faz-se uma introdução a respeito da classe de palavras pronome, suas classificações e o tipo específico em estudo. Em seguida é explicado um pouco das três estratégias de relativização: Padrão, a única aceita pela gramática tradicional, cortadora e copiadora, não aceitas pela gramática tradicional.

Logo após será feita uma revisão bibliográfica de duas dissertações, sendo uma a respeito do processo de relativização que analisa a língua escrita e a outra a língua falada, a fim de comparar o resultado obtido pelas autoras aos desta pesquisa.

### 4.1 CARACTERIZANDO O PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO

Antes de estudarmos mais detidamente as três estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora), precisamos saber a qual classe de palavras mais especificamente refere-se. Entendido que há todo um percurso para chegarmos até o ponto chave, começaremos por conceituar o que é pronome. Segundo Infante; Cipro Neto (2008) “pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido” (p.279).

Dentre os pronomes há os que se classificam como pessoais (eu, tu, ele...), possessivos (meu, teu seu...), demonstrativos (este, esse, aquele...), indefinidos (alguém, algo...), interrogativos (quem, qual...) e os relativos (que, quem, quando, como, onde...). No desenvolvimento deste trabalho que trata da estratégia de relativização, como o próprio nome já indica, estudaremos mais a fundo os **PRONOMES RELATIVOS**.

De acordo com Infante; Cipro Neto (2008, p. 289) os pronomes relativos são aqueles que na frase “se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração

subordinada.”. Rocha Lima (2011) reforça esta idéia acrescentando que eles (os pronomes relativos) não têm significado próprio, justamente por ter seu valor semântico sempre atrelado ao seu antecedente, que pode ser a substituição de apenas uma palavra ou uma ação inteira. Para melhor esclarecer, analisemos alguns exemplos:

- 1- O futebol é um esporte *de que* o povo gosta muito;
- 2- É um professor *a quem* muito respeitamos;
- 3- Todos estavam reunidos no mesmo pátio, *o que* facilitou a chamada.

(ROCHA LIMA, 2011, p. 163)

Observamos que nas frases 1 e 2 os pronomes relativos: **que** e **quem** se referem a futebol e professor respectivamente. Fica claro que eles estão presentes em uma oração subordinada e referem-se a um termo que os antecede, presente na oração anterior, além de notarmos que os pronomes em destaque estão sendo acompanhados por preposição. Mas esse é um aspecto que veremos mais adiante. Enquanto no exemplo 3, o pronome relativo **que** não se refere à um único termo da primeira oração, mas à totalidade desta.

Os pronomes relativos são classificados em variáveis (os que sofrem flexão de gênero e número) e invariáveis que não flexionam. Temos, portanto, como variável: o qual (a qual, os quais, as quais); cujo (cuja, cujos, cujas); quanto (quantos, quantas) e como invariável: que, quem e onde.

Em alguns casos quando fazemos uso de um pronome relativo é necessário introduzir uma preposição antes, essa preposição geralmente é exigida por um verbo ou pronome presente na oração em que o relativo inicia. Entretanto torna-se importante ressaltar que em alguns casos absolutos os pronomes relativos **quem** e **onde** podem não apresentar antecedente, o quem se refere a alguém indefinido e o onde se refere a um lugar não determinado. Veja os exemplos extraídos de Bechara (2009, p. 172):

- 4- Quem tudo quer tudo pode.
- 5- Moro onde mais me agrada.

Mas, apesar do **onde** ser classificado com invariável, em situações diferentes usa-se também o **aonde** para indicar lugar. Entretanto, diferentemente do onde que indica “lugar *em que*” o aonde indica “lugar *a que*”.

6- Visitarei a cidade *onde* nasci – onde = em que

7- Conheço a cidade *aonde* você irá – aonde = a que

O relativo **que** é o mais comum de encontrarmos, “pode ser empregado para retomar palavras que designa pessoa ou coisa e é substituível por *o qual, a qual, os quais, as quais*” (FERREIRA, 2003, p. 225). Há casos em que ele não precisa de preposição e existem casos em que necessita de uma preposição monossílaba.

Observe os exemplos:

8- Conheço a família *que* você visitou semana passada. (... a família *a qual*...)

9- É muito importante a companhia dos amigos *em que* confiamos. (preposição monossílaba *em*)

Para melhor compreendermos as estratégias de relativização iniciaremos conceituando as orações subordinadas adjetivas, que corresponde a uma oração inteira com valor de adjetivo. Essas orações atuam como adjuntos adnominais de um termo (ou totalidade da oração – ver ex. 3) precedente em outra oração chamada de principal. Observe os exemplos de Nicola; Infante (1997):

10- Procuramos homens criativos

11- Procuramos homens *que sejam* criativos

A oração 10 possui apenas um verbo, então, é uma oração simples, mas se convertermos o adjunto adnominal *criativos* em uma oração desenvolvida, mantendo o mesmo sentido, ficando da forma: *que sejam criativos* como no exemplo 11 teremos dois verbos, portanto um período composto.

E esse período é composto por subordinação, uma vez que há dependência de uma oração com relação à outra. E a oração que atua como adjunto adnominal de *homens*, introduzida pelo pronome relativo *que* é classificada como Oração Subordinada Adjetiva. A outra oração é chamada de principal. O pronome relativo *que* além de ligar a oração principal à outra, também substitui o termo anterior (homem). Dessa forma, segundo Nicola; Infante (1997, p. 324), “as orações subordinadas adjetivas, quando na forma desenvolvida, são introduzidas por um pronome relativo. Esse pronome relativo

substitui o próprio antecedente, desempenhando função sintática na oração subordinada adjetiva”

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em **restritivas** e **explicativas**. De acordo com Nicola; Infante (1997, p. 325), as **restritivas** refere-se às orações subordinadas adjetivas que “delimitam, definem, especializam, restringem o sentido do antecedente, particularizando-o. Na fala, são preferidas sem pausa acentuada.” Na frase do exemplo 12 é possível perceber um claro exemplo.

A segunda classificação refere-se às orações subordinadas adjetivas que exercem o papel sintático-semântico de conter uma simples explicação ou realçar um detalhe do termo antecedente, agregar uma informação ao termo antecedente, que não está suficientemente definido. Não fala pronunciados com algumas pausas.

Observe os exemplos 12 e 13 referentes às orações restritivas e explicativas respectivamente:

12- Os homens **que conhecem a si mesmos** entendem melhor os outros homens.

13- Os homens, **que buscam sempre conhecer a si mesmos**, pouco sabem sobre o ser humano.

No exemplo 12, a oração em destaque não está fazendo referência a qualquer homem, mas apenas aqueles homens que conhecem a si mesmo, o pronome relativo *que* retoma o substantivo antecedente homem. Enquanto no exemplo 13, a oração destacada exprime a idéia de que todos os homens buscam conhecer a si mesmos, no entanto, pouco sabem sobre o ser humano.

Compreendendo que estudaremos essa classe específica de palavra, em determinados contextos da nossa língua, contextos de orações subordinadas, podemos pensar um pouco melhor como estão dispostos esses pronomes relativos nessas orações. Falaremos das três estratégias em orações adjetivas somente em casos que os relativos exigem preposição específica de acordo a regência do verbo presente na oração subordinada a qual ele está presente.

No português brasileiro, segundo Tarallo (2007[1995]), atuam três tipos de estratégias de relativização: Uma **padrão** – quando o uso do pronome relativo segue a norma prescrita pela gramática tradicional; e duas não padrão: **copiadora** ou relativa com pronome lembrete – uma forma pronominal correferente ao sintagma nominal relativizado aparece como lembrete e tem a preposição que rege o verbo cortada. A



outra estratégia não padrão é a **cortadora** que se restringe aos casos em que o sintagma nominal relativizado é um objeto preposicionado e tem a sua preposição cortada.

Vejamos alguns exemplos esclarecedores:

14. O menino **de quem** você gosta mora na casa da esquina.

15. O menino **que** você gosta **dele** mora na casa da esquina

16. O menino **que** você gosta mora na casa da esquina

A sentença (14) segue a prescrição da norma padrão, ou seja, usa-se a preposição *de* exigida pelo verbo gostar, pois que gosta, *gosta de* antecedendo o pronome relativo; o segundo caso (15) identifica uma variante copiadora, em que se usa o pronome relativo QUE sem a preposição antecedente e acrescido de um pronome lembrete. E finalmente, o terceiro caso, incluído em (16), identifica uma variante cortadora em que se usa apenas o pronome relativo com a preposição que o verbo gostar exige cortada, ou seja, ela desaparece da frase.

As variantes empregadas nos casos (15) e (16) são consideradas como não-padrão, ou seja, como as anomalias da língua. E a única diferença entre elas está na opção pela presença ou ausência do pronome-lembrete nos contextos de correferência, uma vez que as duas, não fazem uso da preposição exigida pelo verbo, assim como na estratégia padrão.

O caso das orações relativas é mais um aspecto que a gramática normativa qualifica justamente com intuito de estigmatizar os falantes e escritores brasileiros, uma vez que, se o falante fizer usos das formas não padrão, estará completamente errado. Se fizermos isso em uma atividade como o Enem, por exemplo, perderemos pontos, pois fere a gramática normativa e estaremos mais uma vez “assassinando” a perfeição da nossa língua.

A relativa padrão, conforme é conceituada acima, é mais um caso de regras da nossa língua que apesar de tão exigida, vem desaparecendo da fala dos brasileiros, mais especificamente daqueles que participam de grupos sociais com normas linguísticas mais populares, ou seja, aqueles de regiões mais inacessíveis, geralmente as zonas rurais, menos escolarizados, com trabalhos mais informais<sup>3</sup> etc.

---

<sup>3</sup> Trabalho informal, nesse caso, os trabalhos que atualmente dispõe de menos prestígio social, como pedreiro, doméstica, garis etc

É preciso ser situações de fala muito monitoradas para nos expressarmos sempre da forma que nos manda a gramática, e mesmo assim, não é garantia de que nós não “falharemos”, pois até mesmo falantes urbanos, bem escolarizados, em alguns momentos de fala ou de escrita tendem a fazer uso da estratégia de relativização não padrão inovadora – cortadora. A copiadora, de fato, é uma construção que, tem-se a hipótese de que não aparecerá em situações de formalidade tanto na fala quanto na escrita das pessoas em situações mais formais. Constataremos isto no final dessa pesquisa.

Tendo isto em mente, a seguir faremos um estudo bibliográfico de duas dissertações de estudiosos desses processos de relativização do português brasileiro, visando perceber a frequência em que esses processos mais padrão e menos padrão estão sendo utilizados, para isso escolhemos dois textos: um a respeito da língua escrita e outro sobre a língua falada.

#### 4.2 A RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, será feita uma descrição de estudos a respeito do comportamento das três estratégias de relativização do PB (Padrão, cortadora e copiadora) em situações de fala e escrita em ambientes que exigem mais formalidade, ou seja, na escrita e na fala culta. Far-se-á uma comparação entre os estudos, para evidenciarmos o comportamento das três estratégias de relativização em diferentes modalidades da língua e as principais diferenças que essas estratégias apresentam na fala e na escrita dos brasileiros. Para isso, esse estudo traz um resumo de duas dissertações que foram escolhidas para análise.

O texto escolhido, para analisar os dados que foram obtidos com relação ao comportamento das três estratégias de relativização na fala culta Brasileira, foi a dissertação de mestrado de Silva (2018). Neste, a autora faz uma análise do uso das estratégias na língua falada em situações cultas e populares das pessoas da cidade de Feira de Santana na Bahia.

O intuito dessa análise é saber mais sobre o estudo, como se procedeu a pesquisa e, a partir do que o corpus mostra, perceber como ocorre o uso dessas estratégias na fala de brasileiros em situações formais, ou seja, falantes mais escolarizados. Silva (2018) visou perceber se o falar feirense está dividido entre a norma culta e a norma popular ou se há aproximação entre as normas.

Apesar do amplo número de entrevistas que a autora desenvolveu com falantes mais escolarizados e menos escolarizados, esta pesquisa foca apenas nos dados da norma culta, dos falantes mais escolarizados.

Vale aqui também ressaltar que Silva (2018) classificou em seu estudo duas relativas padrão: a primeira, relativa com lacunas, ou seja, a relativa padrão em que o sintagma não exige preposição (sujeito e objeto direto, por exemplo) e a outra é a relativa  *piedpiping*, em que o relativo substitui um sintagma preposicionado. Sendo que tanto a relativa com lacuna quanto a  *piedpiping* se referem ao que nós chamamos apenas de relativa padrão. Mas os dados que nos interessa são das relativas  *piedpiping*, pois é a que o sintagma é ou deveria ser obrigatoriamente preposicionado.

A outra estratégia relativa é a não padrão, designada cortadora. A autora apenas cita a relativa não padrão com pronome lembrete, copiadora.

Segundo Silva (2018) as amostras de dados de fala que compõem o corpus utilizado na dissertação “são de entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), já gravadas e transcritas, pertencentes ao acervo do projeto ‘A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase 3: amostras da língua falada em Feira de Santana-Ba’” (p.128).

As entrevistas que compõem o acervo foram coletadas entre os anos de 2008 a 2013 e os informantes foram escolhidos de acordo com fatores extralinguísticos, a saber: sexo, faixa etária. Com o propósito de representar a cidade de Feira de Santana-Ba, o acervo é resultado de um total de 72 entrevistas com 4 informantes por faixa etária, dois homens e duas mulheres. Porém, os dados que foram usados para a dissertação da autora contou com apenas 24 entrevistas distribuídas em duas amostras de fala: norma culta e norma popular.

A amostra que constitui a norma popular é constituída de 12 informantes analfabetos ou pouco escolarizados (todos feirenses filhos de feirenses) e a segunda amostra que se refere à norma culta é composta por entrevistas com 12 informantes com ensino superior completo com ou sem pós-graduação (todos feirenses filhos de feirenses) e é essa segunda amostra que mais nos interessa.

A autora afirma que embora no português tenhamos três tipos de orações subordinadas adjetivas, que corresponde às orações relativas - as desenvolvidas, as livres e as reduzidas, no seu trabalho só foram consideradas as relativas desenvolvidas. “As relativas livres foram desconsideradas por serem encabeçadas apenas por pronomes relativos e por não possuírem um sintagma nominal explícito como antecedente”

(SILVA, 2018, p. 133). E com relação as orações relativas reduzidas, não foram selecionadas por não serem “encabeçadas por pronomes relativos, mas por formas nominais de gerúndio ou particípio [...], uma vez que, o objetivo desta pesquisa é verificar as estratégias de relativização, considerando o papel dos pronomes relativos.” (p. 134)

O *corpus* contou com duas variáveis dependentes: relativas não preposicionadas e relativas preposicionadas. Nas relativas preposicionadas as variantes consideradas são: a relativa piedpiping, a relativa cortadora e a relativa cortadora com lembrete (copiadora).

Como fatores exploratórios, a autora fez uso de 6 variantes linguísticas e 4 variantes extralinguísticas. A saber, as linguísticas: Tipo de pronome relativo (hipotetiza-se que o mais usado será o *que*); Função sintática do pronome relativo; Função sintática do antecedente; Natureza da oração; Natureza semântica do antecedente; Valor semântico do termo preposicionado relativizado; e as variante extralinguísticas foram: sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes.

Ao todo foram 1.248 ocorrências somando todas as construções e contando com a norma culta e a popular. Dessas, as estratégias com lacunas, ou seja, as que não exigem preposição foram as mais faladas (74%), as relativas copiadoras teve 13 ocorrências (13%). Com relação a variável dependente que nos interessa, nesse momento, posições em que o sintagma exige preposição, as relativas cortadoras registraram 264 (21 %) de todo o corpus, as relativas padrão (piedpiping) foram encontradas apenas 10 (1%) ocorrências em todo o corpus. As relativas que acumulam o fato de serem cortadoras e resumptivas ao mesmo tempo (copiadora) computaram novamente 9 (1%) ocorrências.

Com relação à norma culta em sintagmas preposicionados foi possível perceber o seguinte: 6 (4%) ocorrências de piedpiping; 146(81%) de ocorrências da relativa não padrão cortadora e 3(1%) ocorrências da relativa copiadora. Assim, de acordo com a autora estes números indicam que há uma aproximação das normas culta e popular do português falado em Feira de Santana-BA.

Com relação à norma culta e a popular fazendo uma comparação com a relativa padrão e a cortadora, “a estratégia cortadora predomina tanto na norma culta quanto na norma popular do português falado em Feira de Santana-BA em detrimento da estratégia piedpiping” (p. 158). Seguem mais dados

Na norma culta, foram quantificadas 155 relativas de função preposicionada, sendo que, desse total, 149 foram de relativas cortadoras, com um percentual de 96%. Para a norma popular, verificam-se 124 ocorrências de cortadoras de um total de 128 construções, com um percentual de 97%. Quanto às relativas piedpiping, em que se verifica a colocação da preposição antes do pronome relativo, foram computadas apenas 10 ocorrências, 6 na norma culta (4%) e 4 na norma popular (3%). (SILVA, 2018, p. 158)

Mesmo sendo falantes escolarizados, com ensino superior, a relativa cortadora não deixa de aparecer, pois, diferentemente da escrita, no momento que estamos em um bate-papo com um pesquisador, por exemplo, não é possível refletir tanto como no processo da escrita. E quando se pensa em uma escrita jornalística, dobra-se os cuidados e correções.

Silva (2018, p. 159) acrescenta que foi computado um total de 283 relativas de funções preposicionadas na covariação entre a cortadora e a piedpiping nas normas culta e popular do português falado em Feira de Santana-BA. Desse total, as relativas cortadoras lideram com 273 ocorrências: sendo 149 (54,5%) referentes à norma culta e 124 (45,5%) correspondentes à norma popular.

As preposições encontradas em ocorrências padrão foram *em*, *a* e *pra*. Para a autora quando observado a

distribuição da relativa cortadora nas duas normas, verifica-se que ela é frequentemente usada tanto pelos falantes da norma popular quanto pelos falantes da norma culta, o que sugere mais uma vez uma aproximação das normas no que diz respeito ao processamento e ao uso de relativização. (SILVA, 2018, p. 162)

A autora ressalta que também foram encontradas ocorrências de relativas cortadoras com lembrete, ou seja, de relativas copiadoras na fala culta. Ainda com relação a majoritariedade da relativa cortadora com relação a padrão a autora justifica afirmando que é resultado do processo tardio de escolarização e urbanização que se deu no Brasil. Mais que isso, afirma que o que também influenciou esse uso tão frequente da norma popular brasileira no centro urbano de Feira de Santana, por exemplo, foi decorrência da situação de contato linguístico com deslocamento de pessoas do interior para os centros urbanos.

Os pronomes relativos mais encontrados em todo o corpus foram: Que 96%, Onde 2,5%, Quando 0,5%, O/A que 1%. E com relação às variáveis sociais é importante

salientar que, de acordo com o estudo da autora, o uso de estratégias de relativização no português urbano falado em Feira de Santana-BA mostrou-se similar nas faixas etárias controladas na seleção dos informantes, não havendo grande diferença entre mais jovens e mais velhos.

A *piedpiping* só foi realizada em 5 ocorrências na Faixa de falantes mais velhos, o que pode ser justificado pelo comportamento conservador dos falantes mais velhos; a estratégia cortadora ocorre em maior percentual na Faixa dos mais jovens que se constitui como uma estratégia inovadora do português brasileiro e a estratégia copiadora em um número menor mantém-se equilibrada em todas as faixas.

A variável sexo do informante não se mostrou relevante ao fenômeno em questão, uma vez que, os resultados foram muito parecidos, se não iguais como no caso da relativa padrão. Diante disso, não dá para pensar que entre homens e mulheres bem escolarizados há diferenças com relação à formalidade na fala.

Observou-se que as relativas padrão tanto foram utilizadas pelos falantes mais escolarizados quanto pelos falantes menos escolarizados feirenses, assim 4 das 10 ocorrências de *piedpiping* (padrão) foram registradas no português de falantes feirenses de baixa escolarização. Da mesma forma, a estratégia cortadora foi realizada tanto pelos falantes de baixa escolarização quanto pelos falantes do ensino superior completo, pois os valores percentuais foram aproximados.

Dessa maneira foi possível perceber que não importa se estamos falando de situações cultas ou populares, na fala dos brasileiros prevalecerá a relativa não padrão cortadora. Isso mostra que, de fato, os brasileiros nem sempre fazem uso das normas gramaticais engessadas dos nossos manuais, variando na fala de forma que nem os mais letrados conseguem seguir fielmente a norma padrão.

A relativa cortadora está quase de forma majoritariamente dominando a língua falada, o uso da relativa padrão aparece em poucos contextos, enquanto a copiadora quase não aparece, sendo esta a relativa de menor prestígio social e considerada por Tarallo como a mais antiga.

Diferentemente da fala, analisaremos que não acontece o mesmo com a escrita, a partir da dissertação de Santos (2015). O texto analisa as regras dos processos de relativização em textos escritos coletados no jornal O globo.

Segue um trecho do resumo do trabalho

O trabalho, vinculado à Teoria da Variação e Mudança, analisa o estatuto da regra referente às estratégias de relativização em textos escritos do Jornal O

Globo, a fim de identificar e descrever os fatores que favorecem e restringem a realização da variante padrão (o livro de que eu preciso) e das não padrão cortadora (o livro que eu preciso) e copiadora (o livro que eu preciso dele). A pesquisa conta com um corpus composto por 165 textos de diversos gêneros textuais publicados no Jornal O Globo durante o período de janeiro a outubro de 2012. Além disso, realiza um estudo comparativo das estratégias de relativização na fala e escrita cultas brasileiras, com base em resultados de outras pesquisas, a fim de observar o comportamento do fenômeno em diferentes modalidades da língua. Por fim, a investigação descreve os juízos de valor do revisor/jornalista do Jornal O Globo, na coluna Autocrítica, para observar a influência da avaliação subjetiva das variantes pelo usuário da língua no fenômeno em estudo.(SANTOS, 2015, p. 7).

No desenvolvimento do trabalho, Santos (2015) contou com três etapas: primeiro ela descreveu o uso das estratégias de relativização na escrita, após fez a comparação entre esses dados da escrita com a fala e, por fim, analisou os comentários, a respeito do tema do jornal O globo. O *corpus* foi constituído de 150 textos retirados de 15 exemplares do Jornal O Globo publicados entre o período de junho a dezembro de 2012. Todos os dados coletados foram 253 ocorrências entre orações preposicionadas e não preposicionadas, sendo 102 casos de orações preposicionadas. Atentaremos-nos apenas a esses, pois são os que interessa nessa pesquisa.

Com relação às relativas preposicionadas, a autora pôde perceber que o número de relativa padrão foi o que prevaleceu com 97 (95,1 %) dos casos e apenas 4,9% dos casos foram das relativas não padrão cortadora. A relativa não padrão copiadora, não ocorreu em nenhum dos dados, nem das orações preposicionadas e nem das não preposicionadas. Assim, ficou explícito que embora se cogitasse o estudo das três relativas, apenas duas foi possível. “Assim, a suposta regra variável passou de ternária para binária, de acordo com os moldes labovianos (1972).” (p. 86)

A relativa cortadora aparece apenas 5 vezes na pesquisa e, em todos os 5 casos o pronome relativo *que* aparece exercendo função de adjunto adverbial de tempo e a preposição ausente que deveria fazer parte da frase, mas que é cortada é *em*. E todos os 5 dados foram recolhidos do gênero textual anúncio publicitário, apesar dos dados terem sido colhidos em 6 gêneros textuais do jornal, a saber: 15 em editoriais; 15 em artigos de opinião; 15 em crônicas jornalísticas ; 15 em notícias de jornal; 45 em cartas de leitor e 60 em anúncios jornalísticos.

A autora investigou ao todo 8 variáveis independentes – 7 linguísticas e 1 extralinguística, sendo as linguísticas: Função sintática do termo antecedente da oração relativa; Referencialidade do termo antecedente; Distância entre o termo antecedente e o articulador da oração relativa; Função sintática do articulador da oração relativa;

Tipo de preposição que rege o articulador da oração relativa; Tipo de articulador – pronome relativo e advérbio relativo; Tipo do verbo da oração relativa. E extralinguística apenas Gênero textual.

Nesse ponto já ressaltaremos que nesta pesquisa não nos atentaremos a análise que a autora fez em todos estes pontos linguísticos, apenas alguns, uma vez que os critérios de avaliação do nosso próprio trabalho, até mesmo pela escolha do material que compõe o corpus, são outros que, na sua maioria, classificam-se como extralinguísticos.

Com relação à variável independente “distancia entre termo antecedente e articulador” a autora dispõe dos seguintes dados (das 102 ocorrências):

“existe um predomínio do nível zero – total proximidade entre o núcleo do termo antecedente e o articulador – com 40 (39.2%) dados, sendo seguido pelos níveis 01 – distância de 01 a 02 sílabas entre o núcleo do termo antecedente e o articulador – com 32 (31.4%) dados, e nível 02 – distância de 03 ou mais sílabas entre o núcleo do termo antecedente e o articulador – com 12 (11.8%) dados. Também ocorreram 18 casos (17.6%) em que o núcleo do termo antecedente está distante 05 ou mais sílabas do articulador – nível 03” (SANTOS, 2015, p. 107)

Segundo a autora, esses resultados só testemunharam que a análise foi irrelevante, “visto que, além de controlar contextos pouco prováveis no comportamento prototípico da construção em análise, que estabelece a proximidade entre os termos antecedente e o articulador, considerou apenas o núcleo do termo antecedente e não o sintagma integralmente.” (p.109)

Com relação à variável “tipo de preposição”, os dados mostraram que as preposições mais frequentes foram: “em” (46/102; 39.2%), (uma vez que 41 ocorrência foram da forma padrão e as demais 5, foram as cortadas nas relativas não padrão cortadora); “de” (06/103; 5.9%); “com” (06/102; 5.9%); “por” (04/102; 3.9%); “a” (02/102; 2%) e “para” (01/102; 1%). Outras preposições somaram 2 ocorrências (2%) - “por meio de” e “segundo”. Não foram encontradas ocorrências dos pronomes relativos “quem” e “quanto” e do advérbio “quando” funcionando como relativo.

De acordo com os dados a respeito dos tipos de preposição encontradas em seu trabalho, Santos (2015, p. 118) afirma que

o quadro pronominal relativo na escrita culta jornalística é bastante rico, pois foram encontrados dados robustos que comprovam uma significativa frequência de uso de diversos articuladores sendo empregados em seus respectivos contextos morfossintáticos previstos pela norma gramatical. Esses resultados apontam a correspondência em diversos aspectos da norma gramatical e a escrita culta jornalística, já que 97/102 dados da variante padrão estão em acordo com as prescrições da gramática e apenas os 05/102



dados da variante não padrão cortadora são condenados pela gramática tradicional.

É importante mencionarmos a variável gênero textual, para que, em algum momento, seja feita a comparação dos dados do gênero textual artigo de opinião que a autora pesquisou com os estudados especificamente desta pesquisa. Na dissertação da autora foram registrados 27 (26.5%) casos de orações relativas preposicionadas no gênero textual crônica; 24 (23.5%) no gênero textual editorial; 22 (21.6%) no gênero textual artigo de opinião; nos anúncios 14 (13.4%), sendo 09 (64.3%) ocorrências nas orações relativas padrão e 05 (35.7%) nas relativas não padrão cortadora; nas cartas do leitor 10 (9.8%) e 5(4,9%) nas notícias.

O único gênero com relativas não padrão cortadora foi o anúncio publicitário, com a presença de 5 orações, o total das que aparecem em todo o corpus. A autora foi em busca de explicações, mas como já era um ponto presente em suas hipóteses, os gêneros textuais menos monitorados na escrita e menos formais, estariam mais propícios a compor orações não padrão, e foi realmente o que aconteceu.

as propriedades textuais, discursivas e socioculturais do anúncio publicitário permitem que ele seja um contexto favorecedor de estruturas linguísticas e – em especial – estruturas sintáticas utilizadas por falantes que muitas vezes estão alheios às normas prescritivas da gramática tradicional (e, portanto, quase sempre as estruturas linguísticas usadas por eles não são as mesmas contempladas pelo veículo), mas que interagem com o veículo de comunicação. (SANTOS, 2015, P. 123)

Toda essa predominância da relativa padrão deve-se principalmente ao fato da autora trabalhar com textos que, por sua natureza, precisam ser várias vezes revisados e revisados para que não conte com nenhum “erro” na sua escrita, ao invés disso, estejam perfeitamente da forma que a gramática tradicional prescreve, pois é apenas dessa forma que tem prestígio social e culturalmente.

Enfim, o que podemos concluir é que as orações relativas se comportam totalmente diferente com relação à fala e a escrita culta. Enquanto quase não apareceu a relativa padrão na fala, na escrita houve um predomínio da mesma na quase totalidade dos casos. Importante percebermos como a relativa copiadora está sumindo do nosso português brasileiro, principalmente na escrita, pois não apresentou nenhuma ocorrência, enquanto na fala ainda apresentou poucos casos.

Entretanto, tanto a relativa aceita pela gramática tradicional como a não padrão cortadora apresentam ocorrências na fala e na escrita culta brasileira. Com uma

predominância maior da cortadora na fala e da padrão na escrita, revela que aos poucos a relativa rejeitada pela gramática tradicional vem ganhando espaço e de forma progressiva avançando para uma suposta liderança na fala.

A seguir serão apresentados os dados colhidos nos jornais digitais bem como as análises desta pesquisa, com o intuito de certificar ou não os resultados apresentados nas dissertações apresentadas acima. Haja vista que, apesar desta monografia aparentar-se bastante com o objeto de pesquisa de Santos (2015), certamente, por conta de também se tratar de uma análise da língua escrita, teremos alguns resultados semelhantes, porém contamos com um estudo pensado de forma distante, sem interferências, com *corpus* diferente, com algumas variáveis dessemelhantes. Ciente disto, apresenta-se nossa metodologia, *corpus* e análise dos dados, no tópico que segue.

## 5 METODOLOGIA

Nesta seção será apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa, que, em linhas gerais, não difere das pesquisas no ramo da sociolinguística. Porém, diferentemente dos estudos que quase sempre são focados na língua falada, este é um estudo focado na língua escrita culta.

### 5.1 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Como processo metodológico deste trabalho, é feita uma pesquisa bibliográfica. segundo Rodrigues (2007, p. 4), a pesquisa bibliográfica permite que o pesquisador recupere o conhecimento científico acumulado sobre um problema, através de objetos como livros, revistas, artigos, etc. Também é feita a análise de um *corpus* composto por amostras coletadas em jornais digitais, tais como *A tarde*, *Correio da Bahia*, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*.

Na análise do *corpus* são explorados mecanismos que visam encontrar em dados obtidos por meio de pesquisa e coleta de artigos de opiniões em colunas de jornais digitais, informações que ajudem a localizar informações para o fenômeno analisado, as três estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora).

A padrão é a mais esperada, pois estamos trabalhando com a escrita formal e esta é a única aceita pela gramática tradicional. A cortadora é muito encontrada na fala informal, veremos se também aparece na escrita, a copiadora é pouco registrada em contextos bem informais, mas uma coisa é certa “línguas que podem ter objeto pronominal nulo podem ter também relativa cortadora”. (Kato, 1993, p. 240)

Sendo assim, o foco desta análise não é basicamente o de muitos estudos sociolinguísticos, que é investigar vestígios de variação linguística presente na modalidade falada da língua, mas a língua portuguesa em contextos formais de escrita. Pensou-se em um estudo da escrita em contextos formais de uso, se acreditado que dessa forma seria muito mais possível encontrar ocorrências do uso dos pronomes (em casos que o sintagma exige preposição) relativos, uma vez que aparecem muito pouco na fala.

E, por a escrita ocorrer de forma muito mais monitorada que a fala, foi possível, mesmo que em números ainda muito pequenos, coletar um número razoável de

ocorrências seguindo alguns critérios: região (nordeste e sudeste), sexo(masculino e feminino), além de levarmos em consideração texto que abordassem temáticas mais formais e mais informais.

De acordo com Bagno (2011), por ser uma análise difícil de encontrar os dados, completar 50 páginas de textos já é suficiente, pois equivale a mais ou menos uma transcrição de uma grande entrevista falada – no nosso caso completou, pois foram 40 textos e na maioria tinham de 2 a 3 páginas.

Analisar-se-á no *corpus*, partindo da região, do sexo e dos assuntos dos textos, quais estratégias de relativização aparecem; das três estratégias de relativização(cortadora, copiadora ou padrão) qual é a mais empregada pelos colunistas em seus artigos de opinião; em quais das regiões houve um maior índice de uso não padrão e padrão dos pronomes relativos em casos que o sintagma exige preposição e se os temas considerados mais formais e menos formais contribuem para a escolha do uso das estratégias de relativização. Assim, analisarmos os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a ocorrência das três estratégias de relativização.

A análise será feita com base em 40 (quarenta) textos, sendo 20 (vinte) de dois jornais da região Nordeste e 20 (vinte) de outros dois jornais da região Sudeste. Para cada jornal 10 (dez) textos, 5 (cinco) escritos por colunistas do sexo masculino e 5 (cinco) escritos por colunistas do sexo feminino.

A escolha do *corpus* se deu por região, visamos descobrir se há diferença entre a escrita dos colunistas da região Nordeste e da região Sudeste quanto ao uso das três estratégias de relativização. Além disso, procuramos descobrir se há diferença na escrita de homens e de mulheres. E, se as relativas mais e menos padrão apresentarão distinção nos textos com temáticas mais formais e mais informais.

Após todo este artifício de escolha das regiões, dos jornais, e demais critérios, a coleta dos textos foi realizada visando-se um total mínimo de 100 (ocorrências) do objeto de estudo, independente de ser ocorrência padrão, cortadora ou copiadora, contanto que fossem pronomes relativos em casos que o sintagma é ou deveria ser preposicionado. No entanto, no final da análise foram encontradas um total de apenas 72 ocorrências, as quais compõem o *corpus* analisado.

Os dados foram computados e tratados segundo as ferramentas oferecidas pelo Pacote de programas para análise estatística de regras variáveis, Goldvarb-X.

Durante as seleções dos textos fomos reparando algumas dificuldades, como encontrar a mesma quantidade de textos escritos por mulheres e por homens, uma vez

que em alguns jornais eram pouquíssimas as colunistas do gênero feminino. Esse fato correu principalmente nos jornais da Bahia. Além disso, foi constatado o quão difícil é de se encontrar dados do fenômeno em análise.

Assim, a coleta se deu de uma forma mais prolongada, pois era preciso acessar vários jornais para ter certeza de que seria encontrada a mesma quantidade de texto para homens e mulheres. Muitos jornais também precisavam ser assinados para ter acesso aos artigos, e isso dificultou e atrasou bastante a coleta dos dados.

A respeito dos quatros jornais, o A Tarde circula no estado da Bahia diariamente, é um dos mais antigos em forma impressa, porém coletamos os artigos em sua versão online, até mesmo pela acessibilidade. Esse jornal concorre com outro jornal conhecidíssimo na Bahia, Correio da Bahia. Jornal diário que também circula no estado da Bahia, faz parte da rede Bahia e é controlado pelo mesmo grupo que controla a rede Bahia de televisão. Coletamos os 10 textos na plataforma online do correio 24h. O outro Jornal é Folha de São Paulo, um dos jornais brasileiros de maior circulação, se não, o maior, editado na cidade de São Paulo. E o jornal do Brasil que é editado na cidade do Rio de Janeiro.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Na coleta dos dados foram desconsideradas orações relativas que estivesse na forma padrão, mas que não exigisse preposição para isso, talvez esse fator também justifique a quantidade pequena de ocorrências a serem analisadas. Pois de acordo com Abreu (2013, p. 83) citado por Santos (2015) “o processo de aquisição das estratégias de relativização se inicia com as funções sintáticas mais simples e com o passar do tempo, vivenciando a língua, vão-se adquirindo as construções relativas mais complexas”, sendo que as construções mais simples são as não preposicionadas com função sintática de sujeito e objeto direto.

É importante ressaltar que, esta pesquisa, a princípio, visava o estudo das três estratégias de relativização, entretanto, só foram encontradas ocorrências da relativa padrão e da não padrão cortadora. A relativa copiadora não apareceu na escrita formal dos jornais digitais que foram analisados, conforme os dados que compõe o corpus desta pesquisa. Houve ainda casos de hipercorreção por parte dos colunistas.

De acordo com Bagno (2001), a presença dessas três estratégias de relativização na língua corresponde a períodos diferentes na história do português. A padrão, por exemplo, corresponde ao período de formação da norma padrão clássica do Brasil, a copiadora é a mais antiga e a cortadora é a mais recente.

Durante a análise dos textos que compôs o *corpus*, constatamos o resultado da pesquisa de Corrêa (1998) em que a autora afirma que as relativas com função de sujeito e objeto direto são predominantes, relativas essas que podem ser classificadas apenas como padrão ou copiadora, mas que sempre serão não preposicionadas. De igual forma, Souza (2018, p. 153) afirma, com o resultados da sua pesquisa a respeito do português urbano falado em Feira de Santana-Ba, que “as posições não preposicionadas são mais relativizadas (932/75%) do que as posições preposicionadas (316/25%)”.

Nesta pesquisa, porém, os diversos casos encontrados foram descartamos, por não ser de interesse deste estudo, ficando apenas as que obrigatoriamente exigem preposição, pois desta forma poderíamos ter casos das três variantes.

De maneira geral, encontramos 69 ocorrências de uso de pronomes relativos em posições em que o sintagma exige preposição. Pode-se observar que a grande maioria dos casos o sintagma está preposicionado corretamente, mas não no total. Assim sendo, do total, 65 das ocorrências estavam obedecendo a norma padrão da gramática tradicional e 4 das ocorrências tiveram a preposição que o verbo rege suprimidas, o que

chamamos de relativa cortadora. E 3 ocorrências com marcas de hipercorreção por parte do colunista, que serão discutidos mais a frente. Sendo assim, o *corpus* é composto por 72 amostras.

*Tabela 1: Orações relativas padrão e não padrão cortadora que compõe o corpus*

<b>Tipos de Estratégias de Relativização</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
<b>O. R. Padrão</b>	65	94.2%
<b>O.R. Cortadora</b>	4	5.8%
<b>Total</b>	69	100 %

A tabela 1 mostra os dados gerais adquiridos através das descrições das variáveis dependentes e dos grupos de fatores, no programa Golvarb X. O resultado é da rodada de apenas 69 ocorrências de relativo, uma vez que os casos de hipercorreção não foram computados juntos.

Houve prevalência da relativa padrão com 94.2 % das ocorrências e apenas 5.8 % dos casos foram da relativa não padrão. Os resultados da análise indicam que a relativa padrão predomina na escrita culta. Entende-se, por ser textos coletados em jornais, que de certa forma o grau de monitoramento é mais avançado, têm-se tempo para várias correções e o compromisso com as regras gramaticais são gigantescos. Assim, encontramos um número de relativas não padrão bastante pequeno. Porém isso indica que a tendência considerada mais presente na fala dos brasileiros já está levemente alcançando a escrita.

Nos exemplos 1a e 1b estão exemplificados a oração relativa padrão e a oração relativa cortadora, respectivamente.

1a) Será a escolha de quem acha que a taxa Selic média dos próximos três anos será superior a 7,90% ao ano. Jornal Folha de São Paulo

1b) Essa será a escolha do investidor cuja expectativa é a de elevação na taxa de juros, seja até o vencimento (2023), seja ao longo do período *que* pretende manter a aplicação... – Jornal Folha de São Paulo

Como ilustrado na tabela 1, a relativa padrão foi majoritaria em mais de 90% dos casos, enquanto a cortadora alcançou uma quantidade bastante pequena. Assim, devido as poucas ocorrências de relativa cortadora, o programa não rodou todos os fatores, o que indica que fatores linguísticos e extralinguísticos, como tipo de preposição e tipo de pronome relativo, por exemplo, não variaram significativamente, portanto, não foram computados. O programa não apresentou fator favorecedor.

Entretanto, alguns fatores, principalmente os extralinguísticos, revelaram dados bastante relevantes com relação à algumas hipóteses levantadas. Percebemos que houve a predominância da relativa não padrão cortadora em textos coletados em jornais da região nordeste e que o maior número dessa variante foi em textos de caráter mais informais, entretanto pela quantidade mínima de ocorrências de oração cortadoras em todo o corpus, esse resultado não se mostra tão consistente. Por outro lado, textos escritos por homens e por mulheres tiveram o mesmo grau de formalidade e não variaram, como se esperava.

A análise dos dados que serão apresentados, foi feita com relação às variáveis dependentes: padrão e cortadora e 7 (sete) variáveis independentes a saber: função sintática do articulador; tipo de preposição que rege o verbo e tipo de pronome relativo, compondo os fatores linguísticos e 4 fatores extralinguísticos: jornal; região do jornal; sexo dos colunistas e tema do artigo.

A variável linguística “função sintática do articulador”, ou seja, do pronome relativo, permite que observemos se a função do relativo interfere nas construções das estratégias de relativização. As variáveis linguísticas tipo de preposição e tipo de pronome relativo refere-se às características das construções relativas. E as demais variáveis: jornal; região do jornal; sexo dos colunistas e tema do artigo são fatores externos a língua que podem contribuir na escolha das estratégias de relativização.

Após a exposição e exemplificação de todos os grupos de fatores estruturais e sociais, em 6.1 mostrar-se-á o resultado das variáveis com relação aos grupos de fatores, mas não será enfatizada variável favorecedora, uma vez que o programa não considerou nenhuma das sete como fator de favorecimento nas construções das estratégias de relativização padrão e das estratégias de relativização não padrão cortadora.

- **Função sintática que o pronome relativo**

Apesar das poucas ocorrências de que dispõe o *corpus*, foi possível observar variadas funções sintáticas desenvolvidas pelos pronomes relativos.



Dentre as funções sintáticas que os pronomes relativos podem exercer, neste trabalho teve ocorrências de função sintática de adjunto adverbial, de objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal e função oblíqua. Acredita-se que prevaleça a função de adjunto adverbial. Segue em 2 a – e os exemplos em que o pronome relativo desempenhou a função sintática de *objeto indireto(2a)*, *complemento nominal(2b)*, *adjunto adnominal(2c)*, *adjunto adverbial(2d)*, *função oblíqua(2e)*, respectivamente.

2a) (...)tratando meios de comunicação estrangeiros e pseudo organizações de todo tipo sediadas na Europa e nos Estados Unidos como incontestáveis oráculos aos *que* se deve reverência e obediência absolutas(...) – Jornal do Brasil

2b) (...)nas festas insiste em fazer as mesmas brincadeiras das *quais* ninguém acha a menor graça. – Jornal Correio da Bahia

2c) (...)levar à falência em questão de horas instituições econômicas de *cuja* solidez ninguém ousava duvidar. – Jornal Correio da Bahia

2d) São raros os momentos nos *quais* o Vitória se apresenta como um time na acepção da palavra. – Jornal A tarde

2e) E não tocou diversas mulheres com *quem* conversei. – Jornal Correio da Bahia

- **Tipo de preposição**

Foi possível identificar no *corpus* 6 tipos de preposições. Preposição com apenas 1 ocorrência e outras com uma quantidade maior de registros. A hipótese é que o maior registro seja da preposição “em”, pois como na variável acima se acreditou que prevaleça a função de adjunto adverbial, a preposição “em” deve aparecer para acompanhar o relativo a desempenhar tal função.

Os exemplos de 3a – f registram as construções relativas com a presença das preposições *em*, *de*, *a*, *com* e *por* e *sobre* respectivamente

3a – Já escrevi tanto de mim, das gotas do passado que vivi, das lágrimas que com alegria ou mágoas chorei, ou mesmo da agonia de um momento *em* que quase parti, em minha adolescência (...) – Jornal Folha de São Paulo

3b – De acordo com o Aurélio, 'saudade' é uma lembrança grata de pessoa ausente ou de alguma coisa *de* que alguém se vê privado. – Jornal A Tarde

3c – (...) tratando meios de comunicação estrangeiros e pseudo organizações de todo tipo sediadas na Europa e nos Estados Unidos como incontestáveis oráculos *aos* que se deve reverência e obediência absolutas (...). – Jornal do Brasil

3d – Entre outros dispositivos característicos do modo de formar do criador, como a minúcia *com* que tratava a urdidura interna dos têxteis que comparece na sua invenção do veludo brocado. – Jornal A Tarde

3e – Um monstrengo no meio do Planalto Central *por* onde escoou mais de 1 bilhão de reais.

3f – É um fator *sobre* o qual Dilma Rousseff não tem nenhum controle: os preços das matérias-primas internacionais. –Jornal A Tarde

- **Tipos de pronome**

Foram registradas ocorrências de 5 diferentes pronomes relativo em todo o *corpus*. Dentre eles, um mostrou-se com maior destaque, atingindo uma média de mais de 50% das ocorrências. De acordo alguns estudos sobre a fala brasileira, como o próprio Taralo (1983), há prevalência do relativo “que”. A hipótese é que na escrita não seja diferente, portanto acredita-se que haja ocorrência em grande número do relativo “Que”, uma vez que ele é considerado o pronome relativo universal.

Em 4a – d estão exemplos das colocações dos relativos *que, qual, quem e onde*. Em 4e encontra-se a única ocorrência do relativo *cujos*, o qual como aponta os estudos, vem sumindo da fala dos brasileiros e conseqüentemente, como podemos perceber até neste estudo, também da escrita culta.

4a –Já escrevi tanto de mim, das gotas do passado que vivi,das lágrimas que com alegria ou mágoas chorei, ou mesmo da agonia de um momento em *que* quase parti, em minha adolescência. – Jornal Folha de São Paulo

4b – Está ciente de que, se houver alta dos juros, cenário no *qual* não acredita, o título se desvalorizará e comprometerá a estratégia de investimento. – Folha de São Paulo

4c – (...)não passa de coitado a quem ninguém dá a real por afeto(...) – Jornal Correio da Bahia

4d – Se eles pudessem nos queimavam junto com as paredes do museu, nas salas onde D. Pedro II reinou, nos corredores por *onde* transitaram os feitores da primeira constituição da República. – Jornal do Brasil

4e – (...) elegem presidentes fora da caixinha, destroem reputações de pessoas e marcas em um clique e podem levar à falência em questão de horas instituições econômicas de *cuja* solidez ninguém ousava duvidar.

Com relação às variáveis que compõe o grupo dos fatores extralingüísticas, teremos:

- **Jornal**

A quantidade de ocorrências por jornais se deu de forma muito parecida, pois foram coletados a mesma quantidade de textos em cada um. Desse modo, espera-se que as ocorrências relativas sejam similares. Não convém trazer exemplos dos quatro jornais, pois não há uma marca específica de um determinado jornal, pelo contrário, são todos textos coletados em um mesmo período e só contou com duas variáveis dependentes: padrão e cortadora. Foram computados 24 ocorrências do fenômeno pesquisado no jornal A Tarde, 13 no Correio da Bahia, 14 na Folha de São Paulo e 18 no Jornal do Brasil

- **Região dos Jornais**

Sabendo que o jornal A tarde e o Correio da Bahia são da região nordeste e a Folha de São Paulo e Jornal do Brasil do sudeste, acredita-se que pode haver diferença na escrita. O sudeste é mais desenvolvido, há melhor qualidade de vida, os estudos são mais avançados, talvez os textos dessa região demonstrem mais formalidade. Com relação à quantidade de ocorrências de relativas por região, o resultado foi parecido.

- **Sexo dos Informantes (homem e mulher)**

Foram coletados a mesma quantidade de textos escritos por colunistas masculinos e femininos, porém nos textos das mulheres tiveram mais ocorrências de orações relativa. Assim, na computação dos dados esse fator pode pesar ou não, mas acredita-se que não haja diferença, quanto a formalidade nos textos dos homens e das mulheres.

- **Tema (mais formal e mais informal)**

Selecionamos todos os textos do gênero textual “artigo de opinião” de colunas dos quatro jornais. De acordo com os temas de cada texto, fomos elencando em mais

formais ou mais informais. Temas como futebol, música e moda, por exemplo, foram tidos como mais informais e temas como economia, política e educação ficaram no campo dos mais formais.

No total, os textos informais contaram com 40 ocorrências de orações relativas em casos que o sintagma exige preposição, e os textos formais 29. Destes, acredita-se que os casos de relativa não padrão, encontre-se em textos considerados mais informais.

Além desses dados supracitados, foram registrados três casos de hipercorreção que o falante tentou acertar o uso do relativo, mas acaba por “errar”. Acompanhe-os em 5a, 5b e 5c:

**5a** – (...) estudo inédito do Banco Mundial, *no qual* revela que o número de pessoas vivendo na pobreza no Brasil. – Jornal A Tarde

**5b** – Pois a Quinta hoje está abandonada como jamais esteve. Da mesma maneira criminosa *em que* se encontrava o Museu Nacional. – Jornal Folha de São Paulo

**5c** – No caso da *JP Morgan Securities*, *em que* foi multada pelo governo britânico – Jornal do Brasil

No primeiro caso (5a) o uso da preposição “em”(em+o) é desnecessária, pois a colocação seria “revela algo ou alguma coisa” e não “em algo”. Portanto a colocação correta seria: “(...) estudo inédito do Banco Mundial, *o qual* revela que o número de pessoas vivendo na pobreza no Brasil”. Além disso, o pronome relativo está desenvolvendo função sintática de sujeito, e quando o relativo assume função de sujeito ou objeto direto, não é preposicionado.

Assim como no exemplo 5a, a preposição “em” ocupa uma posição desnecessária em (5b), pois a sentença fica perfeitamente correta sem ela. Mas um caso em que o(a) escritor(a) tenta acertar e classificar a oração como relativa padrão em caso preposicionado, mas acaba caindo em um equívoco, de acordo com as normas da gramática.

Em (5c), temos outro equívoco, pois o verbo *ir* é intransitivo, portanto não pede complemento com objeto direto ou indireto. O que pode funcionar como complemento desse verbo é adjunto adverbial, pois quem vai, vai a/para algum lugar e neste caso pode ser preposicionado, mas no caso em questão o pronome relativo que está substituindo o antecedente “*JP Morgan Securities*”, não está assumindo função de adjunto adverbial, como fez parecer o escritor, mas de sujeito paciente que “foi multada pelo governo britânico”, assim, não é necessária a preposição antecedendo o relativo.

## 6.1 RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS

Para a quantificação dos dados nesta pesquisa, que se encontra nos moldes da sociolinguística variacionista, foi utilizado o programa Goldvarb X. Labov (2003) *apud* Santos (2015) dispõe de uma proposta para a tipologia das regras variáveis, as quais a autora sintetiza no quadro a seguir, adaptado de Labov (2003, p. 243).

TIPO DE REGRA	FREQUÊNCIA	VIOLAÇÃO
I	100%	Ausentes da fala espontânea <i>Regra categórica</i>
II	05-95%	Raras e facilmente identificáveis <i>Regra semicategórica</i>
III	95-99%	Inexistente pela própria natureza <i>Regra variável</i>

Quadro 1. *Tipos de regras propostas por Labov* (adaptado de Labov, 2003, p. 243).

### *Quadro 1: Tipos de regras propostas por Labov*

Segundo aponta o quadro 1, esta pesquisa contou com uma regra semicategórica, pois o seu percentual quantitativo de variação está muito próxima de 05-95%, mostrando-se raras em todo o *corpus* e facilmente identificável. Portanto essa regra não é considerada caso de variação, devido as poucas ocorrências.

Os resultados mostraram que a estratégia de relativização padrão é majoritária e domina a escrita culta, e pelo que se pode perceber, mesmo que foram encontradas algumas ocorrências da relativa cortadora, a padrão se mostra totalmente forte e invencível na língua escrita. São casos que não podemos esperar uma mudança em tempos futuros tão próximos, pode até ocorrer, pois “a escrita é tão heterogenia quanto a fala” (Bagno, 2007, p. 184), mas é muito pouco provável.

Para Bagno (2007), mais cedo ou mais tarde a escrita monitorada também cederá à pressão do vernáculo e este ocupará seu lugar. Uma vez que, o processo de mudança linguística se inicia sempre nas camadas mais baixas da população e vai avançando até chegar às classes mais privilegiadas, e se assim conseguir e as classes mais altas adotarem as formas usadas pelas classes baixas, consolidam-se a mudança linguística.

Segundo Bagno (2007, p. 184) acontece o mesmo processo com relação às mudanças que acontecem da fala para a escrita: “as inovações linguísticas surgem primeiramente nos gêneros falados mais espontâneos [...] e vão se expandindo em direção aos demais gêneros textuais”. Ele acrescenta ainda que

quando as inovações linguísticas que se opõem às prescrições da gramática normativa passam a aparecer com muita frequência nos gêneros escritos mais monitorados, é porque a mudança linguística já se completou, e muito dificilmente a antiga regra normativa voltará a vigorar. (BAGNO, 2007, p. 185)

Por enquanto não é o caso do fenômeno em estudo, pois os registros das variantes na escrita ainda são mínimos com relação à ocorrência na língua falada. Além disso, a variante copiadora que ainda aparece em alguns casos na fala mais informal, já não é mais registrada na escrita culta. As variantes padrão e a cortadora estão em disputa na fala, e a padrão prevalece na língua escrita.

Em Santos (2015), por exemplo, foi registrado, no grupo das preposicionadas, 97 (95.1%) ocorrências do tipo padrão e 05 (4.9%) do tipo cortadora, número que se parece com o desta pesquisa. Entretanto com relação à quantidade de ocorrências, como contamos com apenas 69, tivemos uma quantidade um pouco menor de cortadoras 4(5.8%).

Um fator muito importante que podemos discutir é que, só trabalhamos com o gênero textual artigo de opinião, e conforme Santos (2015) este é um dos gêneros textuais jornalísticos mais monitorados, por este motivo os 5 dados de construções não padrão cortadora encontrados em sua pesquisa foram registrados exclusivamente em gêneros textuais menos monitorados como anúncios publicitários. Pois as construções cortadoras “são estruturas não padrão não licenciadas pela norma gramatical e são, portanto, evitadas em textos mais monitorados e formais.” (SANTOS, 2015. p. 122)

Ao observar o ranking de produtividade, verifica-se que os gêneros textuais editorial, artigo de opinião e crônica seriam altamente monitorados, uma vez que apresentam estruturas sintáticas mais complexas – como altos índices de orações relativas preposicionadas –, tendo seus empregos seguindo as orientações normativas da gramática tradicional. (SANTOS, 2015. P. 121)

Enquanto, Bagno (2001, p. 72) afirma que pesquisar em notícias tem-se maior chance de encontrar os dados, pois a notícia é algo que precisa ser publicada sempre com urgência e muitas vezes não há tempo para correções, enquanto “outros tipos de

textos jornalísticos[...] podem levar mais tempo para ser escritos e o autor tem chance de reescrever, revisar, corrigir”.

Levando em conta os posicionamentos de Santos (2015) e Bagno (2001), que afirmam ser o anúncio publicitário e a notícia os gêneros textuais jornalístico menos monitorados, o artigo de opinião é um gênero textual com escrita bastante cuidadosa. Talvez se estivéssemos colhidos outros gêneros as ocorrências poderiam ter sido em maior quantidade, porém, o fato de serem registradas ocorrências cortadoras neste trabalho, mesmo que um número reduzido, indica que alto grau de atenção também permite uma pequena interferência do vernáculo na escrita formal.

A seguir discutiremos os resultados dos dados e hipóteses a respeito dos grupos de fatores. Ressaltamos que o programa Goldvarb X apontou que, das variáveis dependentes a padrão predomina, e nenhum grupo de fator foi apontado como favorecedor. Sobre os sete grupos de fatores, apontaremos os números de ocorrências e o percentual em cada uma das variantes apontadas pelo programa.

No fator, função sintática do articulador grande parte dos pronomes relativos desempenharam função sintática de adjunto adverbial (56 ocorrências – 81.2%), destes apenas 3 foram cortados e os demais mantiveram a forma padrão. 6 (8.7%) casos desempenhou função de objeto indireto, um deles variou tendo a preposição cortada e 5 com função de relativa padrão. As funções de complemento nominal e adjunto adnominal tiveram 3 (4.3%) ocorrências, ambas orações relativas padrão, sem variação. E a função oblíqua representou o menor número com apenas 1 (1.4) ocorrências. Conforme tabela 2, onde é apresentada todas as funções sintáticas que foram exercidas pelos pronomes relativos em todo o *corpus*.

*Tabela 2: Função sintática do articulador (pronomes relativos)*

Função Sintática do Articulador	O. R. Padrão		O. R. Cortadora		Total	
	Ocorren.	%	Ocorren.	%	Ocorren.	%
<b>A. Adverbial</b>	53	94.6%	3	5.4%	56	81.2 %
<b>O. Indireto</b>	5	83.3%	1	16.7%	6	8.7%
<b>A. Adnominal</b>	3	100%	-	-	3	4.3%
<b>C. Nominal</b>	3	100%	-	-	3	4.3%
<b>F. Oblíqua</b>	1	100%	-	-	1	1.4%
<b>TOTAL</b>	65	94.2%	4	5.8%	69	100%

O tipo de preposição também foi bem marcado pela prevalência de uma dentre as outras seis. A preposição “em” foi registrada em 52(75,4%) das ocorrências, mais da metade das orações que compõe o *corpus*, sendo que em 3/50 dos casos a preposição foi cortada. A preposição “de” teve 6 (8.7%) registros, porém não houve variação, todas as ocorrências foram em relativas padrão, foi o segundo maior número.

A preposição “A” esteve próxima de “de”, ocorreu em 5(7,2%) casos, em 4 das ocorrências compôs orações relativas padrão e em 1 dos casos oração relativa cortadora. “Com” teve 3 (4,3%) ocorrências padrão, sem variação, “por” contou com 2(2,9%) ocorrências padrão, sem variação. Da mesma forma, a preposição “sobre” não teve variação, mas também só apareceu em 1 caso. Dados sistematizados na tabela 3, onde está disposta todas as preposições que antecederam o pronome relativo no *corpus*, bem como, o número de ocorrências de cada uma delas.

*Tabela 3: Tipos de preposições presentes no corpus.*

Tipo de preposição	O. R. Padrão		O. R. Cortadora		Total	
	Ocorren.	%	Ocorren.	%	Ocorren.	%
<b>Em</b>	49	94.2%	3	5.8%	52	75.4%
<b>De</b>	6	100%	-	-	6	8.7 %
<b>A</b>	4	80%	1	20%	5	7.2%
<b>Com</b>	3	100%	-	-	3	4.3%
<b>Por</b>	2	100%	-	-	2	2.9%
<b>Sobre</b>	1	100%	-	-	1	1.4%
<b>TOTAL</b>	65	94.2%	4	5.8%	69	100%

Conforme ilustra a tabela 4, quanto o tipo de pronome relativo que compôs o corpus, a maior frequência foi do pronome universal “que” que apareceram 45 (65.2%) vezes, sendo que, destas 4 vezes foi em relativas cortadoras. Assim, conforme a tabela 1, todas as orações relativas cortadoras cortou-se a preposição que estava diante de *que*. Este foi o único pronome relativo que demonstrou uma certa variação. Foram registradas 16 (23,2%) ocorrências do pronome relativo “qual” e suas variações, 4(5.8%) do pronome “quem” e 3 (4.3%) de “onde”.

Houve apenas 1(1,4%) ocorrências do pronome relativo “cujo”, e esta ocorrências em orações relativas padrão, revelando não ter havido variação. Essa ocorrência talvez nem tivesse acontecido se estivéssemos analisado a língua falada, pois



este pronome está desaparecendo da fala dos brasileiros e na maioria das vezes cedendo lugar às construções copiadoras. “O pronome CUJO vem desaparecendo da língua falada dos brasileiros de todas as classes sociais e de todos os níveis de escolaridade [...]” (Bagno, 2001, p.85).

Os tipo de pronome relativo, bem como a quantidade de ocorrências de cada um em todo o *corpus* encontra-se ilustrados na tabela 4.

*Tabela 4: Tipos de pronomes relativos presentes no corpus.*

Tipo de pronome relativo	O. R. Padrão		O. R. Cortadora		Total	
	Ocorren.	%	Ocorren.	%	Ocorren.	%
<b>Que</b>	41	91.1%	4	8.9%	45	65.2%
<b>Qual</b>	16	100%	-	-	16	23.2 %
<b>Quem</b>	4	100%	-	-	4	5.8%
<b>Onde</b>	3	100%	-	-	3	4.3%
<b>Cujo</b>	1	100%	-	-	1	1.4%
<b>TOTAL</b>	65	94.2%	4	5.8%	69	100%

Os fatores extralinguísticos se comportaram da seguinte forma: No jornal A Tarde teve 24(34.8%) ocorrências de orações relativas, destas, 22 foram orações relativas padrão e as demais (2) foram relativa cortadora. O jornal Correio da Bahia foi o que contou com menos ocorrência, 13(18.8%), sendo 12 de relativas padrão e 1 de relativa cortadora. O jornal Folha de São Paulo contou com 14(20,3%) ocorrências, dessas apenas uma relativa não padrão cortadora. Portanto esses três jornais revelaram a presença das duas variantes, apenas o Jornal do Brasil que apesar de contabilizar um número bom de ocorrências, 18 (26.1%), não demonstrou nenhuma ocorrência não padrão.

Conforme a tabela dos tipos de jornais digitais, a qual apresenta todas as ocorrências de orações relativas padrão e cortadora encontradas nos quatro jornais em estudo: A Tarde, Correio da Bahia, Folha de São Paulo e Jornal do Brasil.

*Tabela 5: Tipo de jornais digitais*

Jornais	O. R. Padrão		O. R. Cortadora		Total	
	Ocorren.	%	Ocorren.	%	Ocorren.	%
<b>A Tarde</b>	22	91.7%	2	8.3%	24	34.8%
<b>Correio da Bahia</b>	12	92.3%	1	7.7	13	18.8 %
<b>Folha de SP</b>	13	92.9%	1	7.1	14	20.3%
<b>Jornal do Brasil</b>	18	100%	-	-	18	26.1%

<b>Total</b>	65	94.2%	4	5.8%	69	100%
--------------	----	-------	---	------	----	------

Com o resultado dos jornais já é perceptível, houve uma pequena diferença quanto às regiões. No nordeste foram registradas 37(53,6%) orações relativas e no sudeste 32(46,4%), o maior número de relativas não padrão foi registrada na região nordeste (3) e a outra ocorrência no jornal Folha de S.P. que se encaixa na região sudeste.

O programa computou 27 (39,1%) orações relativas nos textos dos colunistas de sexo masculino e 42 (60,9%) nos colunistas do sexo feminino, sendo duas orações cortadoras nos artigos de opinião escrito por homens e duas nos escritos por mulheres. Muitos estudiosos afirmam que as mulheres tendem a ser mais padronizadas/conservadoras na escrita, mas neste caso foram ocorrências iguais.

Houve registro das duas variantes (padrão e cortadora) nos textos mais formais e menos formais. Os mais formais com apenas 1/4 relativa não padrão e os mais informais com 3/4, sendo que, foram registradas 40(58%) amostras relativas em textos mais informais e 29(42%) em textos mais formais.

De forma geral, com relação aos grupos de fatores, foi possível perceber que o *Adjunto adverbial* foi a função sintática exercida pelos pronomes relativos com maior número de ocorrências padrão (81.2%). A maioria dos pronomes foram o “que”, mas também tiveram ocorrências com outros pronomes, como o “qual”.

Os exemplos 1a – c são de relativos com função sintática de adverbial:

1 (a)A paciência rubro-negra anda curta, por isso ele terá que se esforçar bastante para deixar o rol de gestões desastrosas dos últimos anos, no qual muitos torcedores já incluem seu nome.

(b)Especialmente quando caímos para a Série C, naquele tempo em que o Bahia era maltratado e depenado pelos seus antigos administradores.

(c)Já escrevi tanto de mim, das gotas do passado que vivi,das lágrimas que com alegria ou mágoas chorei, ou mesmo da agonia de um momento em que quase parti, em minha adolescência

Apesar de não ter sido apontado pelo programa como fator favorecedor, a preposição “em” foi registrada em mais de 70% dos casos, quase sempre diante de “que” ou “qual”. 49/52 dos eventos foi em relativas padrão e 3 das 4 relativas cortadoras presente em todo o *corpus* tiveram o “em” cortado.

De acordo com Santos (2015, p. 76) “[...] as preposições que tendem a ser apagadas e, portanto, dão origem a orações relativas não padrão cortadora e copiadora são aquelas que apresentam um papel mais gramatical – preposições funcionais –, tais como ‘de’ e ‘em’[...]”. Foi exatamente o que aconteceu nesta pesquisa, em quatro casos de orações relativas cortadora, três foi cortada a preposição “em”.

Vale ressaltar que em três orações o pronome relativo tinha função sintática de adjunto adverbial e o outro caso com função de objeto indireto. Abaixo estão dispostas uma relativa cortadora em que o relativo tem função sintática de adjunto adverbial (1) e de objeto indireto (2) respectivamente:

(1) Também foi com uma camisa do Bahia que assisti a outro dos maiores shows que já assisti na vida: Roger Waters, no Rio

(2) Essa será a escolha do investidor cuja expectativa é a de elevação na taxa de juros, seja até o vencimento (2023), seja ao longo do período que pretende manter a aplicação.

Assim, conclui-se, de acordo com o programa GoldVarb X, que nenhuma das sete variáveis independentes que compôs o *corpus* foi registrada como fator favorecedor de pouco mais de 90% da amostra ter sido marcada pela relativa aceita pela gramática tradicional – Padrão. Uma vez que a relativa cortadora pouco apareceu.

Semelhante aos resultados desta pesquisa, nos resultados de Silva (2007) referente aos dados de um corpus coletado de textos de estudantes de Letras, só foi possível registrar a relativa mais padrão e a não padrão cortadora, e alguns erros de performance. Também não foi registrada a relativa de menor prestígio copiadora. Os dados da autora ainda mostra que a relativa padrão prevaleceu com 94/136 e em segundo lugar a relativa cortadora com 42/136 ocorrências.

Percebemos que o resultado da autora apresentou uma aproximação um pouco maior da escrita com a fala. Esse fato pode ter ocorrido devido o pouco tempo que os alunos possuem para revisar seus textos quando escreve em sala de aula. Enquanto textos jornalísticos os escritores têm maiores disponibilidades de tempo para correção. O fato é que tanto na presente pesquisa quanto em Santos (2015) e Silva (2007), a relativa padrão prevaleceu.

Todos esses dados em estudos da escrita culta deixam evidente que os brasileiros preservam na escrita a relativa padrão encontrada nos manuais normativos e que aprendem na escola. Afirimo na escrita, pois diversos estudos tem mostrado que a fala dos brasileiros tendem a se aproximar, independentemente do grau de formalidade, da

relativa cortadora. Os resultados de Silva (2018, p.158), mostraram que a estratégia não padrão cortadora predomina tanto na norma culta, ou seja, fala culta, quanto na norma popular(fala popular) do português falado em Feira de Santana-BA em detrimento da estratégia piedpiping.

Na pesquisa da autora

foi computado um total de 283 relativas de funções preposicionadas na covariação entre a cortadora e a piedpiping nas normas culta e popular do português falado em Feira de Santana-BA. Desse total[...] as relativas cortadoras lideram com 273 ocorrências: sendo 149 (54,5%) referentes à norma culta e 124 (45,5%) correspondentes à norma popular. (SILVA, 2018, p. 159)

Todos esses resultados mostram que apesar da escrita formal não ter demonstrado tanta variação com relação as estratégias de relativização, na fala a relativa cortadora tem bastante interferência, seja com falantes mais escolarizados ou menos escolarizados.

Ainda com relação a fala, Bagno (2001) afirma que a norma culta vem mudando significativamente com relação a esses fatos sintáticos em estudo, faltando apenas a gramática normativa aceitar isto e deixar de ter “certo” e “errado” como lema, pois “a relativa cortadora veio para ficar” (p.92).

## 6.2 ALGUMAS PERCEPÇÕES A RESPEITO DA ANÁLISE DOS DADOS

A escolha por estudar as estratégias de relativização se deu durante a realização de uma pesquisa com base no livro “Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa” de Marcos Bagno, em um componente de Linguística do curso de Letras. E a decisão de ser um estudo da língua escrita em contexto formal se deu pela hipótese de que seria encontrada uma quantidade maior de dados para o desenvolvimento da pesquisa. Mas, como foi possível observar nas seções anteriores, não foi localizado o número de dados que prevíamos (100 ocorrências).

O uso das três estratégias (padrão, cortadora e copiadora) consideradas neste trabalho, é bastante perceptível na língua dos brasileiros e estão presentes em sua modalidade oral e escrita. A grande diferença, portanto, que se observa no estudo deste fenômeno com relação à língua falada e a língua escrita é que, na língua falada, tanto

por brasileiros menos escolarizados como os mais escolarizados, tendem a prevalecer a variante não padrão cortadora.

Isso pode ser constatado em alguns resultados de Silva (2018). Na pesquisa da autora, de um total de 155 relativas de função preposicionada quantificadas, 149(96%) foram de relativas cortadoras, na norma culta. Para a norma popular, verificou 124(97%) ocorrências de relativas cortadoras de um total de 128 construções. Portanto a cortadora predominou tanto na norma culta quanto na norma popular do português falado em Feira de Santana-Ba.

Na atual pesquisa, como se esperava, a hipótese de que a relativa padrão prevaleceria na escrita jornalística foi confirmada. Das 69 ocorrências que compõem o *corpus*, 65(94,2%) foram de relativas aceitas conforme o padrão gramatical. Entretanto, esperava-se muito mais orações não padrão cortadora, uma vez que na fala essa variante é bem documentada e tem prevalecido, mas apenas 5.8% das ocorrências estiveram fora dos padrões gramaticais. Isso impediu que o programa GoldVarb X considerasse relevantes todos os fatores linguísticos levantados como hipótese nesta pesquisa.

Estes resultados dialogam com os de Santos (2015) já mencionado na seção anterior, pois na pesquisa da autora, de um total de 102 ocorrências do grupo das relativas preposicionadas, 97 (95,1 %) dos casos foi padrão. Portanto, prevaleceu diante de apenas 5 casos de relativas não padrão cortadora.

Diante disso, pode-se perceber que a fala se apresenta flexível ao uso da relativa cortadora, enquanto a língua escrita se mantém conservadora aos padrões gramaticais. Os textos jornalísticos, até os considerados mais informais, mostraram-se com algum grau de monitoramento e pouquíssimas ocorrências não padrão.

Infere-se que esse resultado reflete no importante papel que a escola vem desempenhando com relação ao ensino das normas gramaticais, uma vez que nela ocorre o nosso processo de aprendizagem da escrita. A fala aprendemos em nosso meio social e, mesmo que haja necessidade e obrigatoriedade de ser trabalhada em sala de aula, não dependemos da interferência do meio escolar para aprendermos a falar, enquanto a escrita não, dependemos de alguém que nos ensine. Assim, a língua escrita apresenta caráter mais padrão com relação à língua falada, como mostrou os resultados desta pesquisa.

Como não houve variação suficiente entre relativa padrão e cortadora, possibilitou o fato de muitas hipóteses não puderam ser confirmadas, como região de origem dos jornais. Com relação a formalidade dos temas, de fato a relativa cortadora

apareceu em temas mais informais, porém o sexo dos informantes que se esperava que interferisse, não interferiu. Tudo isso, é claro, devido à não variação das variáveis dependentes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantos dilemas que envolvem a sociolinguística, como o conceito de certo e errado, variação, mudança e muito mais, o presente trabalho ocupou-se com o estudo das três estratégias de relativização que estão presentes em nosso português brasileiro.

A escolha da variável não se deu por mera obrigação de um estudo para o trabalho de conclusão de curso, mas pelo desejo de estudar este ramo tão interessante dentro da linguística. A sociolinguística leva-nos a conscientização, a reafirmação das nossas diferenças e do quanto ainda somos preconceituosos e julgamos as pessoas e a sua língua, taxando de bom falar ou bom escrever apenas o que dita os manuais tradicionais das gramáticas.

A fim de compreender melhor o caráter heterogêneo do português brasileiro, o estudo das três estratégias de relativização na língua escrita tornou-se um fator de grande relevância. Foi analisado um corpus coletados em quatro jornais digitais composto por 40 textos que totalizaram 69 ocorrências do fenômeno pesquisado e mais três ocorrências de hipercorreção. O intuito foi um estudo das três estratégias, mas a não padrão copiadora não foi registrada em todo o corpus, assim estudou-se a relativa padrão e a não padrão cortadora.

Só foi considerado os casos em que o sintagma estava preposicionado ou, no caso das cortadoras, deveriam estar preposicionadas, mas a preposição foi apagada.

A pesquisa visou descobrir, qual o comportamento das estratégias de relativização na escrita de colunistas de jornais digitais do nordeste e do sudeste; quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionariam a ocorrência das relativas, e se as estratégias se comportam da mesma forma tanto na fala como na escrita formal.

Os resultados mostraram que a estratégia de relativização padrão foi a predominante, detectada em (65)92.9% do corpus e a cortadora registrou apenas (4)5.8% dos casos. Nenhum fator foi apontado pelo programa GoldVarb X como favorecedor dos resultados. Com base em outros estudos, pudemos perceber que na fala a estratégia que prevalece é a não padrão cortadora, enquanto na escrita, a presente pesquisa constata ser a padrão.

De acordo com estudos realizados sobre as estratégias de relativização, dependendo da amostra que seja analisada, poderemos ter resultados diferentes. Se for analisado amostras do vernáculo certamente os resultados mostrarão a prevalência da

relativa cortadora, e pode aparecer a copiadora, mas se esta amostra for da língua falada em contextos formais, mesmo que a cortadora continue prevalecendo, a variante padrão aparecerá mais.

Em casos de amostras da escrita em contextos informais, é possível que se tenha outro resultado, mas com amostra da escrita formal como a desta pesquisa, o resultado já foi problematizado: prevalece a padrão e há alguns registros da cortadora. E não haverá registro da copiadora.

Enfim, o objetivo maior foi cumprido, a aprendizagem. As diversas leituras relembrou conhecimentos e trouxeram novos, bem como a análise dos diversos dados. Mais uma pesquisa mostrou que a relativa padrão ainda é predominante na escrita culta, que os brasileiros ainda prezam a escrita como manda nossas gramáticas.

Planeja-se em um momento futuro aprofundar a pesquisa tendo em vista, diversificar o *corpus* utilizado, assim, pesquisar a língua escrita em diferentes plataformas digitais que disponha de escrita mais informal.

Espera-se que este trabalho contribua para o avanço dos estudos sociolinguísticos, visando o reconhecimento das variações que perpassam o nosso português na modalidade escrita e falada. Que o mesmo contribua para outros estudos que serão desenvolvidos sobre o processo de relativização na fala e escrita formal ou informal.



## REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Tânia M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras 1**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 21-47
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007;
- \_\_\_\_\_. **Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002, p. 13- 34
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: Renovada, 2003.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos: a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012
- INFANTE, Ulisses; CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.
- KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In \_\_\_\_ ROBERTS, Ian; KATO, M.A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: uma homenagem a Fernando Taralo**. São Paulo: Editora Unicamp, 1993.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MENDES, Ronald. B. Língua e variação. In \_\_\_\_ FIORIN, J.L. **Linguística? Que é isso?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 111-133.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras 1**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012
- NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST, Paracambi, 2007.

SANTOS, Juliana da Costa. **O comportamento das estratégias de relativização na escrita culta jornalística brasileira**. 2015. 185 p. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Jéssica Carneiro da. **As orações relativas no português falado em feira de santana-ba**. 2018. 2019 p. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-Ba, 2018.

SILVA, Rejane. M. G. da. **A gramática invisível: o caso das orações relativas**. 2007. 100 p. (Dissertação de mestrado) - Universidade de Brasília- UnB, Brasília, 2007.

SILVA, Vanessa S. da; CYRANKA, Lúcia F. de M.. **A língua portuguesa na escola ontem e hoje**. In \_\_ Linhas Críticas, Brasília, v. 14, nº 27, p. 271-287, Jul/dez. 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007[1985].

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 137- 17.

## ANEXO

**CORPUS – Amostras coletadas dos artigos de opinião dos jornais: a tarde, correio da bahia, folha de são paulo e jornal do sul.**

### A TARDE

- <1> [...] 'saudade' é uma lembrança grata de pessoa ausente ou de alguma coisa de que alguém se vê privado.
- <2> Demonstrar o desejo de trazer de volta à presidência um homem [...] é interromper os cortes na educação brasileira; é lutar contra a previsão do estudo inédito do Banco Mundial, no qual revela que o número de pessoas vivendo na pobreza no Brasil deverá aumentar entre 2,5 milhões e 3,6 milhões até o fim de 2017.
- <3> São raros os momentos nos quais o Vitória se apresenta como um time na acepção da palavra...
- <4> A paciência rubro-negra anda curta, por isso ele terá que se esforçar bastante para deixar o rol de gestões desastrosas dos últimos anos, no qual muitos torcedores já incluem seu nome.
- <5> No último show de Paul McCartney que fui, em São Paulo, foi com uma delas (camisa) que me vesti.
- <6> Também foi com uma camisa do Bahia que assisti a outro dos maiores shows que já assisti na vida: Roger Waters, no Rio
- <7> Muitas foram as vezes em que caminhei a pé contornando o Dique para chegar na antiga Fonte Nova vestindo uma delas.
- <8> Especialmente quando caímos para a Série C, naquele tempo em que o Bahia era maltratado e depenado pelos seus antigos administradores.
- <9> Porém, foram poucos os momentos em que fez a diferença.
- <10> E esse fenômeno está muito presente no mundo do futebol em que nossos jogadores se tornaram verdadeiros pop stars.
- <11> Além disso, menos é mais, também se aplica, ainda que possa parecer paradoxal, ao glamouroso universo da moda em que se prima pela elegância das formas.
- <12> Em muitos dos retratos realizados pelo fotógrafo, entre 1948 e 1962, podemos observar o ambiente simples em que os cliques eram acionados: chão batido, muros descascados, poças d'água e até mesmo alguma sujeira da rua comparecem nas imagens.
- <13> Nas suas imagens, a certeza também de que a composição da aparência de cada um de nós, em alguma medida, traduz nosso modo de ser e de estar no mundo: em conexão com o nosso tempo e com a comunidade na qual nos inserimos, estamos sempre manifestando nosso aqui e agora, num jogo de pertencimento.
- <14> Antes de sonhar com este ou este, a mulher tinha que fazer uma escolha entre os vestidos mais ou menos semelhantes, mas profundamente individuais, cada um, aos quais se podia nomear” (Marcel Proust, A Prisioneira, 1923).
- <15> Também o seu cachecol, feito em seda, com motivos inspirados na cerâmica Kamares do período minoano é uma peça diferenciada, na qual se desvelam os traços poéticos de Fortuny.
- <16> (...)entre outros dispositivos característicos do modo de formar do criador, como a minúcia com que tratava a urdidura interna dos têxteis que comparece na sua invenção do veludo brocado.

<17> (...)além de atestar a importância da roupa e da moda enquanto artefato e campo em que a criatividade, a habilidade e a imaginação humanas nos presenteiam com formas exitosas e que atizam nossa contemplação.

<18> É um fator sobre o qual Dilma Rousseff não tem nenhum controle: os preços das matérias-primas internacionais.

<19> Sim, o caso de Dilma é diferente, por exemplo, dos de Fernando Collor, em que não houve mobilização a favor dele, e de Fernando Lugo, no Paraguai, em 2012.

<20> Até hoje, as coalizões foram formadas a partir do critério distributivo, em que seus membros recebem postos nos gabinetes, orçamentos, em troca de respaldo ao governo.

<21> Então, no momento em que o PT deveria se fazer responsável pelos erros, na realidade, se permite que o partido passe a ser uma vítima.

<22> À (democracia latino-americana) que há no Equador, na qual o julgamento político se tornou uma prática constante entre 1996 e 2007.

<23> À (democracia latino-americana) que há no Equador, na qual o julgamento político se tornou uma prática constante entre 1996 e 2007.

<24>...nesse período de renovação em que estarão em pauta no Congresso projetos importantes para o futuro do país”.

#### **CORREIO DA BAHIA**

<25> Nesta semana em que a coisa inchou (só um pouco, a bem da verdade) para os "representantes do povo brasileiro"

<26> [...]um monstrengo no meio do Planalto Central por onde escoou mais de 1 bilhão de reais.

<27> Mas pode ser um fenômeno em que se olha uma determinada imagem disforme e o cérebro associa a algo parecido com rostos e objetos.

<28> [...] foi somente o componente que estava faltando neste país em que todos estão loucos

<29> [...] se acha o Bussunda da família, mas que não passa de coitado a quem ninguém dá a real por afeto.

<30> [...] que nas festas insiste em fazer as mesmas brincadeiras das quais ninguém acha a menor graça.

<31> [...] uma mentira criada estrategicamente ... dependendo daquilo a que se refira,... com o propósito de provocar conseqüências.

<32> [...] levar à falência em questão de horas instituições econômicas de cuja solidez ninguém ousava duvidar.

<33> [...] não há uma semana que o mundo, o país ou o quintal que habitamos não sofra um estremeamento por conta de uma pós-verdade.

<34> [...] construir um anúncio veiculado no horário nobre da TV brasileira em que o protagonista era um pombo e o argumento, o perigo das fake news.

<35> E não tocou diversas mulheres com quem conversei.

<36> Sobretudo, não forcem a barra para colocar pessoas em brigas nas quais elas não estão. Nem sempre adianta gritar: "Pega, Rex!".

<37> Por ser o local no qual os profissionais passam mais tempo, até mesmo do que na própria casa, criar essa atmosfera harmônica e interessante faz com que se sintam bem, entusiasmados e felizes.

### **FOLHA DE SÃO PAULO**

<38> Já escrevi tanto de mim, das gotas do passado que vivi, das lágrimas que com alegria ou mágoas chorei, ou mesmo da agonia de um momento em que quase parti, em minha adolescência.

<39> liguei a TV e vasculhei os canais de esporte em busca do horário em que nos seria mostrado mais um grande show

<40> [...]reformou o velho casarão construído pelos religiosos na parte mais elevada, de onde se descortinava a baía de Guanabara.

<41> Pois a Quinta hoje está abandonada como jamais estive. Da mesma maneira criminosa em que se encontrava o Museu Nacional.

<42> [...]período que pretende manter a aplicação CORTADORA ADJUNTO ADVERBIAL

<43> Será a escolha de quem acha que a taxa Selic média dos próximos três anos será superior a 7,90% ao ano.

<44> Está ciente de que, se houver alta dos juros, cenário no qual não acredita, o título se desvalorizará e comprometerá a estratégia de investimento.

<45> [...]para o momento em que passa a política brasileira.

<46> o polêmico vídeo no qual torcedores brasileiros cercam uma jovem na Rússia e gritam frase em alusão à cor do órgão sexual feminino.

<47> Um bom exemplo de como Merlí traduz conceitos filosóficos para o mundo contemporâneo está no episódio em que ele indaga à turma se Aristóteles estaria no Facebook.

<48> Um bom gancho para falar de um Brasil em que a crítica é vista como inveja, numa sociedade onde não há lugar para discussão, de acordo com Janine.

<49> não teve tempo de colocar em prática no breve período de seis meses em que estive à frente do MEC.

<50> Quesito no qual o mestre catalão da telinha é um sucesso.

<51> Folha publicou recentemente uma entrevista com a física Marcia Barbosa, da UFRGS, na qual tratou de um tema pouco abordado nos corredores acadêmicos: o assédio sexual nas universidades.

<52> Ao falar de suas escolhas, Michelle se refere a um discurso de Jesse Jackson, parceiro de Martin Luther King, em que ele pregava que jovens alunos negros deveriam se concentrar nos seus estudos

### **JORNAL DO BRASIL**

<53> [...]seguem lépidos e fagueiros por aqui, usufruindo da dinheirama obtida nos tempos em que mandavam na confederação.

<54> No dia em que foi publicada, no Globo, entrevista do vice-presidente de futebol do Flamengo, Ricardo Lomba [...]

<55> Em um país em que blogueiros são condenados a pagar indenizações por chamar alguém de sacripanta[...]

<56> [...] para defender a democracia em um país e uma região do mundo em que quase sempre esteve ameaçada.

<57> [...] o governo que se furta a defender tais pressupostos, nos quais se fundamentam Estado e Nação, deveria responsabilizar-se.

<58> [...]tratando meios de comunicação estrangeiros e pseudo organizações de todo tipo sediadas na Europa e nos Estados Unidos como incontestáveis oráculos aos que se deve reverência e obediência absolutas.

<59> [...]seria normal, aliás, antes de divulgar esse valor ... permitindo que se produzissem as condições necessárias a tais desvios, dos aditivos irregularmente aprovados, das contas para as quais esse montante foi desviado.

<60> [...] a suposta existência de prejuízos de bilhões de dólares para a Petrobras com os casos investigados na Operação Lava-Jato, e ainda mais na escala astronômica em que esses números foram apresentados.

<61> [...] fisco dos EUA, que está sendo investigado desde o ano passado...com o escândalo da liquidação da *TycoInternational, Ltd*, no qual a *PricewaterhouseCoopers* teve de pagar mais de 200 milhões de dólares de indenização.

<62> [...] no caso da *JP Morgan Securities*, em que foi multada pelo governo britânico.

<63> [...]; e também criticada por negligência em trabalhos de auditoria na Irlanda, país em que está sendo processada em um bilhão de dólares.

<64> A mesma coisa já tinha sido explicada, didaticamente, em depoimento à CPI da Petrobras, pelo ex-gerente de implementação da Refinaria Abreu e Lima, Glauco ColepicoloLegatti, no dia 31 de março, ocasião em que negou que tivesse recebido propina[...]

<65> [...] para as empresas, a diferença entre a existência ou não de sobre preço, significa ter ou não que pagar bilhões de reais em ressarcimento, no momento em que muitas estão praticamente quebrando e tiveram seus negócios interrompidos, e tiveram seus negócios interrompidos,[...]

<66> O brigadeiro dos “voos da morte”, em que pessoas eram jogadas ao mar, e com o requinte das pernas quebradas [...]

<67> O marido ciumento entregava como “subversivo” o vizinho, de quem desconfiava estar cortejando sua mulher[...]

<68> Sei de um caso em que o vizinho foi levado para averiguação e nunca retornou.

<69> Hoje, em véspera de eleição, momento crucial em que a preocupação geral é a segurança.

<70> A representação criminal apresentada ontem ao STF pelo PT, contra o candidato do PSL, Jair Bolsonaro, talvez receba menor atenção que o pedido de liminar com que tentará, em última instância, garantir a candidatura de Lula, antes de proceder à sua inevitável substituição por Fernando Haddad.

<71> Se eles pudessem nos queimavam junto com as paredes do museu, nas salas onde D. Pedro II reinou, nos corredores por onde transitaram os feitores da primeira constituição da República.

<72> Ontem mesmo o Datapoder360 divulgou levantamento em que 34% dos entrevistados admitem votar em Haddad se ele for “apoiado por Lula”.